

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
JORNALISMO

ANNANDA BEATRIZ CARNEIRO DA SILVA

**GOOD AT LOVE: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NO
PROGRAMA DE TELEVISÃO “SEM TABUS”**

RECIFE

2023.1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
JORNALISMO

ANNANDA BEATRIZ CARNEIRO DA SILVA

GOOD AT LOVE: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NO
PROGRAMA DE TELEVISÃO “SEM TABUS”

Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo
apresentado à disciplina Projetos Experimentais
da Universidade Federal de Pernambuco.
Orientação: Profa. Dra. Fernanda Capibaribe
Leite.

RECIFE
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Annanda Beatriz Carneiro da.

Good at Love: uma análise da abordagem da sexualidade no programa de
televisão "Sem Tabus" / Annanda Beatriz Carneiro da Silva. - Recife, 2023.
65 p. : il.

Orientador(a): Fernanda Capibaribe Leite

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Jornalismo - Bacharelado, 2023.

1. sexualidade. 2. televisão. 3. Sem Tabus. I. Leite, Fernanda Capibaribe.
(Orientação). II. Título.

380 CDD (22.ed.)

ANNANDA BEATRIZ CARNEIRO DA SILVA

**GOOD AT LOVE: UMA ANÁLISE DA ABORDAGEM DA SEXUALIDADE NO
PROGRAMA DE TELEVISÃO “SEM TABUS”**

Trabalho de conclusão do curso de Jornalismo
apresentado à disciplina Projetos Experimentais
da Universidade Federal de Pernambuco.
Orientação: Profa. Dra. Fernanda Capibaribe
Leite.

Aprovado em: 04/10/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Fernanda Capibaribe Leite (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Cristina Teixeira Vieira de Melo (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dra. Emanuelle Gonçalves Brandão Rodrigues (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Alagoas

AGRADECIMENTOS

Este TCC leva o meu nome, mas ele não existiria sem a ajuda de várias pessoas. Não foi fácil fazê-lo, e sou extremamente grata pela contribuição delas neste trabalho (e também na minha vida). Primeiramente, sou grata por toda a minha família, principalmente pela minha mãe, pelas conversas e fofocas e pelo amor incondicional, e ao meu pai, que não é muito de falar, mas sempre me apoiou através de atitudes, e pelo meu irmão Leopoldo, que já é mais alto que eu, mas sempre vai ser meu irmãozinho querido.

Sou muito grata à minha orientadora, a profa. dra. Fernanda Capibaribe Leite, por ter me guiado nas leituras e levado este trabalho a outro patamar, e por sua compreensão quando precisei dela. Agradeço também a Alexandra Elbakyan pelos materiais que ela me disponibilizou para este e tantos outros trabalhos.

Também sou muito grata pelos meus amigos de tantos momentos da vida: Alice, Catarina, Gabriel, o outro Gabriel, Giullia, Gustavo, Igor, Júlia Cardouzo, Júlia Vasconcelos, Laís, Maria (que assistiu comigo “Santidade no Sexo” na íntegra antes mesmo de eu imaginar escrever um TCC sobre o programa), Mariana, Marcelo Dettogni, Nayara, Marília e Rafael (e me desculpe se eu tiver me esquecido de mais alguém, você também é uma pessoa muito querida igualmente mesmo que eu tenha esquecido por agora).

Por último, agradeço pela minha terapeuta que ouviu muito sobre este trabalho. Também agradeço por conhecer a obra de artistas e musicistas que me ajudaram em todos esses anos de faculdade, cujas músicas nomeiam os capítulos deste trabalho: Im Nayeon, Yoo Jeongyeon, Hirai Momo, Minatozaki Sana, Park Jihyo, Myoi Mina, Kim Dahyun, Son Chaeyoung, Chou Tzuyu, Mitski Miyawaki, Teramoto Yukika, Michelle Zauner, Bae Joohyun, Kang Seulgi, Son Seungwan, Park Sooyoung, Kim Yerim, Nat Ćmiel, Kim Hyojin, Jo Mihye, Park Hyojin, Son Gain, Phoebe Bridgers, Kim Jisoo, Kim Jennie, Park Chaeyoung, Lalisa Manoban, Rina Sawayama, Kathy Lee Yaeji, Song Qian, Amber Liu, Park Sunyoung, Choi Jinri, Krystal Jung, Ichiko Aoba, entre tantos nomes importantes.

Eu estou viciada no amor,

Então me diga, bebê,

Eu sou boa no amor?

Good at Love — Twice

RESUMO

Esta monografia analisa como o programa televisivo “Sem Tabus” concebe uma vida sexual prazerosa e sua intersecção com a religião. Esta análise foi feita a partir da análise de conteúdo de uma amostra dos episódios do programa: “Sexo Criativo”, “Mitos do Sexo”, “Sexo Oral e Anal” e “Comunicação e Intimidade”. Este trabalho se apoia na teoria feminista e teoria *queer*, estudos sobre os corpos e nos estudos de mídia. Ele mostra que o programa é um esforço por parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia para reinventar as normas que regem a sexualidade e colocá-la no campo do sagrado, incentivando a comunicação aberta e a exploração da própria sexualidade contanto que esta ocorra dentro do matrimônio cisheteronormativo. Embora o programa se proponha a naturalizar os discursos sobre a sexualidade e o prazer feminino, ele reforça ideias nocivas a eles, além de preconceitos contra a população LGBT.

Palavras-chave: sexualidade, televisão, “Sem Tabus”.

ABSTRACT

This monograph analyzes how the television show “Sem Tabus” conceives a satisfying sexual life and its intersection with religion. This analysis was made through content analysis from a sample of the episodes of the show: “Creative Sex”, “Sex Myths”, “Oral and Anal Sex” and “Communication and Intimacy”. This work is based on feminist and queer theory, studies about bodies and media studies. It shows “Sem Tabus” is an effort from the Seventh-day Adventist Church to reinvent the norms that rule over sexuality and insert it on the realm of sacredness, incentivizing open communication and exploration of one's own sexuality as long as it's within the cisheteronormative marriage. Although the show proposes to naturalize sexuality discussions and the female pleasure, it reinforces harmful ideas of them, besides prejudices against the LGBT population.

Keywords: sexuality, television, “Sem Tabus”.

SUMÁRIO

1. GOOD AT LOVE: INTRODUÇÃO.....	9
1.1 TALK THAT TALK: UMA INTRODUÇÃO AO “SEM TABUS”	11
2. MY BODY IS MADE OF CRUSHED LITTLE STARS: DE QUE SÃO FEITOS OS CORPOS SEXUADOS?.....	19
3. LOVE IN THE TV WORLD: EVANGELISMO E SEXUALIDADE NA TELINHA.	30
3.1 IN HEAVEN: COMO AS IGREJAS EVANGÉLICAS SE APROPRIARAM DA TELEVISÃO NO BRASIL.....	30
3.2 BODY TALK: A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE DE PROGRAMAS TELEVISIVOS CONTEMPORÂNEOS AO “SEM TABUS”	35
4. THE THINGS THEY DID FOR ME OUT OF LOVE: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS SELECIONADOS.....	39
4.1 FIRE IN THE HOLE: “SEXO CRIATIVO”	40
4.2 YOU MISSED MY HEART: “MITOS DO SEXO”	45
4.3 KILL THIS LOVE: SEXO ORAL E ANAL.....	50
4.4 STFU!: COMUNICAÇÃO E INTIMIDADE.....	54
4.5 WHAT WE DREW 우리가 그려왔던: UM ENTENDIMENTO SOBRE O SEM TABUS....	58
5. ENDING PAGE: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61

1. GOOD AT LOVE: INTRODUÇÃO

Existe um meme de dez anos atrás originado de uma entrevista de televisão entre a apresentadora Darleide Alves e a terapeuta de família Isabel Passos na edição Santidade no Sexo¹ do programa televisivo “Sem Tabus”. Como todo meme, ele foi decorrente da viralização de um trecho dessa edição² que circulou e circula até hoje por diversas plataformas³, em várias versões. Me lembro de ter visto esse meme no Youtube numa versão editada chamada “Orar antes do sexo e depois tbm?” (2020) que aumentava a carga dramática da cena — e, conseqüentemente, seu potencial cômico.

Figura 1 — Frames de um meme editado a partir de um segmento da edição “Santidade no Sexo” do programa “Sem Tabus”. À esquerda, close da apresentadora Darleide Alves após fazer uma pergunta. À direita, uma imagem distorcida da terapeuta Isabel Passos ao responder.



Fonte: reprodução do Youtube (2020).

A apresentadora pergunta à convidada: “Orar antes do sexo? E depois também?” (ORAR [...], 2020, 0min01s). *Close ups* dramáticos no seu rosto e efeitos sonoros no fim de cada pergunta. A convidada concorda, seu rosto momentaneamente distorcido, até ser interrompida por: “Isabel, mas deixa eu te perguntar... você faz isso, Isabel?” (ORAR [...], 2020, 0min11s). Um questionamento inteligente, considerando a natureza da afirmação proferida. Outro close up dramático no fim da pergunta, um close up na agora nomeada Isabel e o vídeo volta para a apresentadora, que se move em câmera lenta, olhar desafiador. Ela recebe sua resposta, um suave e esclarecedor “faço” (ORAR [...], 2020, 0min20s). O rosto de Isabel é distorcido de novo. Isabel então explica que realmente ora depois do sexo porque

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ihpjMD4ZCpk>. Acesso em 02 ago. 2023.

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=s0661v8JHJg>. Acesso em 02 ago. 2023.

³ Disponível em: <https://twitter.com/momentostvbra/status/1399540253699055619?s=20> Acesso em 27 ago. 2023

após sentir “um orgasmo intenso, depois de uma relação sexual bem feita, a única coisa que nos resta dizer é bendito seja Deus” (ORAR [...], 2020, 0min25s). E o rosto da terapeuta é distorcido uma última vez ao fim do meme.

Eu não me surpreendo em ouvir experiências tão apaixonadas em relação ao sexo que surgem de uma perspectiva cristã. Na verdade, o meme do “Sem Tabus” me interessou ainda mais quando descobri que ele vinha de um talk show dedicado à sexualidade numa emissora evangélica, tanto pelo formato que me lembrava outros programas de outras emissoras, como pela desinibição e eloquência com a qual ambas as participantes se expressam.

Ouvir um discurso tão explícito sobre o sexo a partir de um viés cristão definitivamente não é algo comum, embora não seja algo inédito. Por exemplo, o livro de Cantares de Salomão faz parte da bíblia, mesmo sem abordar diretamente questões da fé cristã. Em vez disso, ele se dedica a explorar a relação entre o rei homônimo e Sulamita, sua esposa preferida, com várias passagens carregadas de erotismo. No entanto, eu tenho uma referência mais pessoal: *fui criada numa família evangélica*, mas isso não nos impediu de conversar sobre sexo.

Minha mãe sempre prezou por uma relação de amizade entre nós; então, ela conversava comigo sobre sexualidade e relacionamentos da forma mais aberta e leve que ela podia. Foi assim desde que eu era criança e não mudou desde então. Ela contou experiências dela e me encorajava a contar as minhas próprias, sempre deixou explícito seu desejo de que eu tivesse um relacionamento amoroso duradouro e prazeroso (ela menciona que ora por isso). Mas ela também me ensinou os valores mais tradicionais, como recato e tomar cuidado com “os rapazes que só querem se aproveitar de mim”, para me proteger de sofrimentos. Então, eu sentia uma certa ambivalência em relação à sexualidade e aos relacionamentos: uma mistura de interesse e medo, uma parte de mim que eu gostava de explorar até certo limite, por medo dos “perigos” que ela apresentava, ou por medo de decepcionar minha família.

Eu não culpo minha mãe por querer me proteger disso tudo. Ela foi mãe solteira aos 22 anos e, mesmo que meu pai biológico tenha ajudado, o fardo da minha criação recaiu sobre os ombros dela. Então, não é estranho que ela tenha buscado me defender desses perigos: na verdade, esse senso de proteção é uma atitude bastante comum. Ela não queria que eu sofresse o que ela sofreu e tantos outros problemas que tantas outras mulheres sofrem.

Porém, junto com meu pai adotivo, ela de fato me mostrou que relacionamentos saudáveis e prazerosos eram possíveis, apesar de nossas imperfeições como seres humanos, e que ela podia ser mais compreensiva do que eu imaginava. Essa minha relação familiar, na ambivalência entre a sexualidade e a religião, contribuiu meu interesse pela capacidade de

comunicação de duas mulheres que eu conheci através de um meme que me levaram ao programa televisivo “Sem Tabus”.

1.1 TALK THAT TALK: UMA INTRODUÇÃO AO “SEM TABUS”

O programa televisivo “Sem Tabus” foi um *talk show* que abordou questões relativas à sexualidade e relacionamentos amorosos sob a ótica bíblica, mas também a partir de outros campos do conhecimento, propondo-se a escapar dos tabus que envolvem a temática considerando um sistema coletivo de valores morais que ainda não abarca discussões públicas envolvendo sexualidade como algo comum e mesmo necessário, sobretudo no contexto religioso. Foi exibido na TV Novo Tempo e em canal próprio no Youtube durante os anos de 2011 a 2019. Fundada em 1996, a TV Novo Tempo é uma emissora de televisão que faz parte da Rede Novo Tempo de Comunicação, propriedade da Igreja Adventista do Sétimo Dia. É exibida em canal aberto em mais de 500 cidades brasileiras, dentre elas 25 capitais, incluindo Recife, cuja câmara municipal lhe entregou a medalha de mérito José Mariano. Em cerimônia, o vereador Jadeval de Lima a elogiou ao afirmar que, ao contrário de emissoras que veiculariam “notícias de desgraças e programas sem conteúdo. A Novo Tempo traz uma programação de qualidade que atinge todas as classes sociais e pessoas de todas as idades”⁴. Sua grade é extremamente diversa nos formatos, como uma emissora tradicional, veiculando desde telejornais até seriados ficcionais produzidos pela própria emissora. Contudo, a marca unificadora de sua programação é sua linha editorial pautada no cristianismo.

O programa “Sem Tabus” era apresentado e dirigido pela comunicadora Darleide Alves, que trazia, a cada episódio, um(a) convidado(a) para conversar — alguns episódios traziam dois convidados e houve uma edição especial com plateia. Ao longo do seu período de exibição na TV Novo Tempo, os programas duravam meia hora a princípio e eram gravados, mas se estenderam à uma hora e passaram a ser exibidos ao vivo. Ele seguia a estrutura típica de um talk show, com o(a) entrevistado(a) respondendo perguntas da apresentadora e/ou perguntas de espectadores enviadas através da internet, por email ou através das redes sociais.

Tal como informado em seu perfil profissional no LinkedIn⁵, Darleide Alves é radialista pós-graduada em terapia familiar e de casais pelo Centro de Formação e Estudos

⁴ Tal como disponível em: <https://www.recife.pe.leg.br/comunicacao/noticias/rede-novo-tempo-de-comunicacao-recebe-medalha>. Acesso em 27 ago 2023.

⁵ Disponível em: <https://br.linkedin.com/in/darleide-alves-1745701b6>. Acesso em 02 ago. 2023.

Terapêuticos da Família. Trabalhando na Rede Novo Tempo de Comunicação desde 1990 como locutora de rádio no programa “Consultório de Família”, centrado em relações familiares e sociais, sua condução originou uma versão televisiva apresentada pela mesma.

Ao longo de seus quase dez anos de exibição, o “Sem Tabus” abordou diversas pautas — não raramente, estas pautas eram repetidas. Algumas eram ligadas às questões de saúde sexual, como, por exemplo, as infecções sexualmente transmissíveis (IST), ou questões referentes às disfunções sexuais, dores no ato sexual, a relação entre alimentação e sexo. Outras eram ligadas ao prazer sexual e a vivência da sexualidade, como o orgasmo feminino, preliminares, a “primeira vez” e os vários episódios sobre a sexualidade de pessoas com deficiência, ou sobre a sexualidade de jovens e adolescentes. Também existiam programas que traziam questões relacionadas à sexualidade e ao cristianismo, como a castidade antes do casamento, como se daria um “namoro cristão” e a própria ideia de “Santidade no Sexo”, mencionada no começo do trabalho. O programa ocasionalmente trabalhava questões de gênero ligadas à sexualidade, além de falar sobre temas como “ideologia de gênero”.

Por ser um *talk show*, o “Sem Tabus” constitui o que Arlindo Machado (2000) chama de forma fundada no diálogo. Ele explica que a televisão, embora conhecida pelo poder das imagens, é bastante baseada na oralidade, já que seus formatos de programação surgiram do rádio em relação com outras linguagens, como a fotografia, ou os quadrinhos. Isso é especial no caso do “Sem Tabus” porque ele era retransmitido pela Rádio Novo Tempo.

Além disso, o talk show está ligado ao infotainment. Do inglês *infotainment*, infotainment é um gênero híbrido que representa uma variedade de formatos televisivos nos quais não existe uma dualidade entre informação e entretenimento e também não se liga a uma temática específica (OTTO; GLOGGER; BOURKES 2017). Porém, de acordo com Fernanda Silva (2009), “o talk show não rechaçou completamente uma ligação com o campo jornalístico mais tradicional” (p. 6) aqui no Brasil. Em sua análise do Programa do Jô, a autora conclui que essa relação ainda existe porque há um preconceito por parte dos brasileiros em relação ao infotainment, então o talk show busca essa relação com o jornalismo como forma de se validar, fazendo-se valer de sua informatividade característica.

Podemos enxergar, assim, tanto as características típicas do infotainment quanto essa ligação ao campo jornalístico tradicional no “Sem Tabus”. Ao mesmo tempo em que emprega um tom amigável e divertido de forma a acolher e não assustar os espectadores, ele também recorre à informatividade associada ao campo jornalístico para trazer seriedade ao conteúdo, especialmente ao apelar para a voz dos especialistas no programa.

Figura 2 — Frames do programa CQC. À esquerda, o CQC exibe um vídeo em que Isabel Passos gesticula para imitar a criação divina do pênis na edição “Mitos do Sexo” do programa “Sem Tabus”. À direita, uma imagem que mostra os apresentadores do CQC rindo após a exibição desse vídeo.



Fonte: reprodução do Youtube (2013)

Isabel Passos, a terapeuta convidada no meme citado anteriormente, apareceu em várias edições do “Sem Tabus”. Outra de suas falas, proferida na edição Mitos do Sexo, foi exibida no quadro “TOP FIVE” do extinto programa de humor “CQC”, da Band, que exibia cinco momentos curiosos e inusitados da televisão brasileira ocorridos recentemente. Passos ocupou o primeiro lugar do “TOP FIVE” de 18 de março de 2013, e Marcelo Tas a apresenta como “uma mulher descrevendo a mais suprema inspiração do Criador do universo” (CQC, 2013). Um fragmento da participação dela na edição “Mitos do Sexo”⁶, exibido logo após a introdução de Tas, descreve como Deus criou o pênis e o dotou de particularidades que o permitem sentir prazer, enquanto ela mesma está gesticulando entusiasticamente. Na edição completa, a terapeuta também descreve o papel do clitóris no prazer, mas essa parte não é exibida no CQC.

Tanto a plateia como os colegas de bancada de Marcelo Tas, Marco Luque e Oscar Filho, riem vigorosamente enquanto a apresentam no programa, provavelmente por enxergarem um contraste entre a “obscenidade” do que é dito e o tom do discurso empregado. Porém, acredito que uma perspectiva de zombaria e estranhamento pode ser contraproducente ao analisar tais discursos, mesmo admitindo que a sexualidade é, em muitos casos, um tema muito divertido. Penso que, até mesmo em espaços cristãos, existem debates, negociação e exploração quando o assunto é sexualidade, tal como percebo em minha casa. Porém, há problemáticas e exclusões que não podem ser esquecidas.

Uma das problemáticas sobre o “Sem Tabus” é a forma como ele trata a população LGBTQIA+, já abordada na tese de Castro Filho (2021), que trata de “experiências de

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bJoyfFkOy-E>. Acesso em 02 ago. 2023

renúncia de atração pelo mesmo sexo” no contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Castro Filho menciona sobre os programas da TV Novo Tempo que abordam gênero e homossexualidade, dando destaque para a psicóloga Marisa Lobo, convidada em um programa sobre “A História da Ideologia de Gênero” e sobre homossexualidade. Lobo já sofreu penalidade de cassação de licença pelo Conselho Regional de Psicologia do Paraná em 2014 por oferecer tratamentos para a atração pelo mesmo sexo e fez parte de um movimento para descriminalizá-los. Para o autor, a TV Novo Tempo

se aproxima de médicos, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas que denunciam os estudos de gênero e sexualidade como perigosos para a humanidade, ela não somente o faz em função de alertar as pessoas sobre suas supostas consequências negativas, mas também para apoiar posições políticas favoráveis à sua visão e legitimar suas crenças e seu trabalho de evangelização através destes discursos de verdade (Castro Filho, 2021 p. 322).

Em outras palavras, Castro acredita que a TV Novo Tempo se aproxima de profissionais da saúde que estão de acordo com a doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Assim, eles podem defender ideias religiosas em relação à identidade de gênero e homossexualidade a partir de sua perspectiva como “profissionais da saúde”.

O surgimento do “Sem Tabus” não é por acaso. Ele está vinculado a uma conjuntura social, religiosa e política que afeta o Brasil e a forma como se debatem e se vivem as sexualidades. Da mesma forma que o mundo muda sua forma de pensar a sexualidade e são criadas políticas públicas para defender a saúde e o direito de minorias, há uma pressão de setores conservadores para defender politicamente uma concepção tradicional de gênero, família e sexualidade.

A influência política da população evangélica brasileira cresceu nas últimas décadas, seja pelo aumento dessa população e consequentemente pelo aumento de eleitores, seja pelos novos atores que se posicionaram no cenário nacional. E esse não é um fenômeno recente. Na eleição presidencial de 2010, Sandra de Souza (2013) mostra como as pautas morais marcaram a disputa vencida por Dilma Rousseff, em especial a descriminalização do aborto, a criminalização da homofobia e a união civil de casais homossexuais. De acordo com ela, o sexo serve como moeda de troca nos embates entre diferentes atores no campo político brasileiro.

A consequência mais óbvia do aumento da influência evangélica na política é a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência da República em 2018, com um forte apoio desta comunidade:

ele, que tem esposa e filhos evangélicos, firmou sólida relação com a bancada evangélica e passou a integrar a tropa de choque cristã contra a criminalização da homofobia, a união civil de pessoas de mesmo sexo e em defesa da “cura gay”, dos estatutos do nascituro e da família e do programa Escola sem Partido. Católico, martelou o lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e fez-se batizar no Rio Jordão pelo pastor Everaldo, líder do PSC, em maio de 2016 (Mariano; Gerardi, 2019, p. 72-73).

De acordo com os autores, estes acontecimentos não são exclusivos ao Brasil. O objetivo desses grupos evangélicos conservadores é “restaurar uma ordem moral e social tradicional tida sob ataque de forças malignas” (2019, p. 73). No governo Bolsonaro, a ministra das Mulheres, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, assumiu um papel central nas políticas da sexualidade. Por exemplo, seu ministério promoveu a abstinência sexual (que corrobora uma visão cristã tradicional) como método comprovado de prevenção da gravidez precoce, embora já seja conhecido cientificamente que esse método com uma eficácia “teórica” de 100% não funciona na prática (Diniz; Carino, 2020).

Porém, embora essa investida conservadora no Brasil em relação às políticas públicas sobre a sexualidade esteja ligada ao fundamentalismo cristão, a forma como o cristianismo lida com a sexualidade também mudou nos últimos anos. De acordo com Maria Machado (1995), a doutrina cristã que via o sexo como pecaminoso e limitado apenas à reprodução se manteve até a década de 50 dentro da igreja Católica e das igrejas protestantes — também conhecidas como evangélicas. Depois disso, a forma como o sexo é entendido não foi mais a mesma. Não podemos tratar as igrejas evangélicas como um monolito, dada sua heterogeneidade doutrinária, mas Machado (1995, p. 16) ressalta que “os líderes religiosos tendem a valorizar a sexualidade entre os cônjuges reconhecendo sua importância na manutenção do vínculo matrimonial”. Mídias e espaços para falar da sexualidade a partir da ótica religiosa se multiplicaram nos últimos anos, como cultos voltados ao tema, encontros de casais, palestras e livros.

Em sua análise de livros evangélicos sobre sexualidade para entender como esse grupo a enxerga, Rosas et al. (2021) revela o interesse pelo tema no meio evangélico: o número de obras analisadas, 39, é um bom termômetro da demanda. Segundo seu estudo, o sexo é visto de forma positiva quando dentro do matrimônio heterossexual, como um presente de Deus para o casal e algo a ser desfrutado que fortalece a relação. Há interdições comuns quando o assunto é sexo para os evangélicos: a homossexualidade, o incesto, o estupro, a masturbação e a fornicção; embora estes dois últimos sejam mais tolerados que os demais.

O programa “Sem Tabus” se situa neste cenário complexo de novidades e ideias antigas, movimentos conservadores e ativismos progressistas, negociações e explorações.

Portanto, ele nos oferece um ponto de vista único sobre a questão da sexualidade: um ponto de vista guiado a partir de ideais religiosos, científicos, psicológicos e sociais que vem de um lugar onde este tema já enfrentou repressão e que, inicialmente, busca falar sem reservas sobre ele.

A partir desse preâmbulo, portanto,, pretendo abordar quais são as formas pelas quais o programa “Sem Tabus” busca auxiliar suas/seus espectadoras/es a alcançar satisfação sexual como parte de uma busca por satisfação na vida, já que o programa entende a sexualidade como uma parte importante da vida humana. A partir do pressuposto de uma visão positiva da sexualidade professada pelo próprio programa, quero entender como o “Sem Tabus” navega entre preceitos religiosos (e conservadorismos vindos do próprio cristianismo, de vertentes tradicionais, pentecostais e neopentecostais) e entre os relacionamentos pessoais para chegar na satisfação sexual se seus espectadores. Quais são as práticas e os comportamentos encorajados para que se tenha uma vida sexual prazerosa e quais são desencorajados neste processo? Como os valores cristãos professados pelo programa afetam seus aconselhamentos a esse respeito? E como as estratégias comunicativas do programa contribuem para validá-los? Há espaço para debate ou o programa, mesmo sendo um talk show, acaba sendo mais expositivo?

Como metodologia, executei uma análise de conteúdo audiovisual a partir de uma amostra de quatro episódios, bem como cruzamento de tais conteúdos com uma literatura advinda da teoria crítica feminista e de trabalhos dedicados a estudar os discursos que habitam corpos. Nesse contexto, agrego textos que envolvem questões ligadas ao trinômio gênero-sexo-sexualidade, que são inevitavelmente intersectadas com outros marcadores sociais, como classe e raça e, nesse caso, religiosidade e experiência com o sagrado. A partir da experiência com o sagrado e considerando meu corpus, o aporte com a comunicação vem através dos estudos de televisão e sobre o audiovisual, focando nas experiências evangélicas com a televisão no Brasil e em programas televisivos sobre a sexualidade contemporâneos ao “Sem Tabus”.

Para criar a amostragem citada acima, cujo recorte de tempo é a própria existência do programa, fiz um levantamento audiovisual através do canal do Youtube do “Sem Tabus”. Como o escopo do trabalho é o prazer sexual, excluí programas que focassem em questões médicas específicas que afetem o prazer de forma a focar nos aconselhamentos mais gerais do programa. Como o programa teve vários episódios sobre os mesmos temas, decidi que analisaria o(s) mais recente dentre estes episódios. Deste modo, meu recorte fica centrado em

quatro episódios: “Sexo Criativo”, “Sexo Oral e Anal”, “Mitos do Sexo” e “Comunicação e intimidade”, em ordem cronológica.

Meu trabalho também é atravessado pela minha própria perspectiva como mulher, criada numa família evangélica, já familiarizada com discursos semelhantes aos do programa “Sem Tabus” e que acredita que iniciativas deste tipo podem ser úteis e frutíferas, mas também entende que existem problemáticas nesses discursos que podem ser bastante prejudiciais. Desse modo, essa monografia também se estabelece como uma teia tecida através do meu repertório e do que pode nortear minha experiência, não fechando as possibilidades de abordagem da temática.

No capítulo “Corpo, Sexo e Sexualidade”, o conceito de corpo — o ponto de partida da do que entendemos como sexualidade humana, ou corpos sexuados — será colocado em questão a partir da perspectiva proposta por Goellner (2003) do corpo como produção cultural. Isso é necessário para que entendamos como os mesmos corpos serão lidos, categorizados e educados de formas diferentes em culturas e contextos diferentes. Reflito sobre as consequências desses processos com base em Louro (2004), em esses processos marcam os corpos, que são atravessados pelas relações de poder. Além disso, é necessário contextualizar como a sociedade se gerencia a partir do sexo, através das ideias da sociedade disciplinadora e das tecnologias da carne de Foucault (1988; 2020) para explicar o controle e administração dos desejos e dos corpos no contexto cristão. Por fim, o conceito da sociedade farmacopornográfica e das próteses contemporâneas de Preciado (2018) nos ajudarão a dar conta de entender a situação desse novo sujeito contemporâneo, em que o controle faz parte de sua própria subjetividade, e como sua sexualidade é formada ainda dentro de uma sociedade disciplinadora.

Já o capítulo “Televisão, Evangelismo e Sexualidade” comenta sobre as igrejas evangélicas se apropriaram do poder de transmissão da televisão e dos formatos televisivos para disseminar suas mensagens, desde a compra de horários em emissoras comerciais para a transmissão de cultos e pregações até a aquisição de emissoras próprias e a formação de suas próprias grades de programação. Como a televisão é uma concessão pública, é vital abordar os direitos e deveres de um grupo detentor de uma concessão de televisão e como isso se manifesta nas grades e pautas das emissoras de televisão. Para entender melhor como o lugar ocupado pelo “Sem Tabus” na televisão brasileira (a demanda que ele buscava atender), traçarei um comparativo com programas brasileiros contemporâneos a ele, com destaque para o “Amor & Sexo” da Rede Globo.

Os programas escolhidos para a análise serão abordados no capítulo “Resultados e Discussão”. As ideias difundidas e as estratégias utilizadas para disseminar tais mensagens serão analisadas à luz da base teórica dos capítulos anteriores para compreender como o “Sem Tabus” concebe uma sexualidade prazerosa e quais são as estratégias aconselhadas para alcançar este objetivo. O programa incentiva a exploração e a comunicação honesta entre um casal para que o prazer seja alcançado, além de que essa sexualidade prazerosa virá de uma relação de cumplicidade, no contexto do casamento heterossexual, mas que essa exploração não pode ultrapassar os limites do intercuro pênis/vagina, além de desaconselhar práticas como o consumo de pornografia ou o BDSM (Bondage, Disciplina e Dominação, Sadismo e Masoquismo).

2. MY BODY IS MADE OF CRUSHED LITTLE STARS: DE QUE SÃO FEITOS OS CORPOS SEXUADOS?

Seres humanos, de acordo com o paradigma evolucionista, surgiram duzentos mil anos atrás. Duzentos mil anos é um período muito pequeno em relação à biologia — os elefantes, por exemplo, existem no planeta Terra há mais de sete milhões de anos —, mas quase eterno se comparado à existência material de uma vida humana. Isso quer dizer, por mais estranha que a ideia possa soar, que o genoma (a sequência de DNA) de um *homo sapiens* que viveu há duzentos mil anos e de outro *homo sapiens* que vive hoje na mesma região é praticamente o mesmo. Os corpos desses dois humanos hipotéticos compartilham a maior parte dessas “ordens biológicas” que definiriam seus corpos, mas nós os imaginamos como seres diferentes porque eles são de fato diferentes. O discurso essencialmente biológico não dá conta de explicar essas diferenças, já que a dinâmica da existência humana e sua história no mundo é fortemente atravessada pelos aspectos socioculturais. Para entendermos os corpos, precisamos entender os discursos que os habitam, discursos estes que também possuem consequências materiais/físicas nestes corpos. Como afirma Goellner (2003), os corpos são produzidos culturalmente, ou seja, nossa “materialidade biológica” é sempre mediada, regulada e alterada a partir da cultura em que nos encontramos:

o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. [...] Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. (Goellner, 2003, p. 30)

Ou seja, tanto a forma como entendemos o corpo como as práticas que desenvolvemos em relação a ele são intrínsecas à cultura em que vivemos. A partir do paradigma evolucionista, um ser vivo possui determinadas características porque seus ancestrais puderam sobreviver para se reproduzirem por causa dessas características: e tratamentos médicos, por exemplo, são influenciados por este paradigma. Já o paradigma criacionista cristão, no entanto, defende que Deus criou os seres vivos e nossas características biológicas refletem, de alguma forma, o propósito que Ele teve em nossa criação — e a forma pela qual vivemos deve honrar esse propósito.

No programa “Sem Tabus”, o prazer sexual é visto como uma parte do propósito divino para o ser humano, como visto pela fala de Isabel Passos citada no capítulo anterior em que ela descreve as partes das genitálias que são capazes de sentir prazer sexual. Em “Sexo Criativo”, a terapeuta afirma que o sexo reflete “o bom humor de Deus” porque o ambiente sexual é “muito santo, muito puro, muito alegre e muito criativo” (Alves, 2013, 38m47s). Desta forma, o sexo é deslocado do âmbito do pecado e enquadrado no âmbito sagrado, e é a partir desse caráter sagrado das relações sexuais. Então, quando o “Sem Tabus” propõe restrições a esses corpos e sexualidades, elas são defendidas pelo programa como se fossem positivas porque elas teriam como objetivo a vivência de um “propósito maior”, em oposição a um ideal “puramente repressivo” e conservador do sexo.

Nesse contexto, fundamentalistas cristãos afirmam que Deus criou homem e mulher, para que um se relacionasse com o outro, e que a biologia desses corpos também reflete esse propósito. Esta ideia também é defendida pelo “Sem Tabus”. De acordo com Louro (2004), é essa ideia que forma a “consagrada sequência” sexo-gênero-sexualidade em que cada aspecto se relaciona com o outro de uma forma linear. O sexo aqui se refere a um conjunto de indicadores biológicos de uma diferença corporal como os cromossomos ou as genitálias e ao conceito de que um corpo só pode ser “feminino” ou “masculino”. Nessa concepção, o gênero seria o papel social atribuído ao indivíduo deste determinado sexo (mulher para os corpos femininos e homem para os corpos masculinos) e a sexualidade é o caminho delimitado para o desejo (homens devem sentir atração por mulheres e mulheres devem sentir atração por homens).

Todas essas classificações e qualificações através das quais educamos os corpos, segundo Goellner (2003), são construídas a partir da linguagem. Por causa disso, nossas mídias acabam desempenhando um importante papel pedagógico neste processo. Mas nem tudo é tão mecânico assim, pois, dentre todos estes processos, há espaço para exploração e mapeamento de novos caminhos possíveis de serem trilhados, como numa viagem em que a intenção não é chegar em algum lugar, mas aproveitar o movimento (Louro, 2004). Ao mesmo tempo em que há pessoas que se afastam dos caminhos e dos destinos pré-delimitados, existe:

Um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade “legítimos”. Isso é próprio da viagem na direção planejada.

O processo parece, contudo, sempre incompleto; ele demanda reiteração, é afeito a instabilidades, é permeável aos encontros e aos acidentes. Efeitos das instituições, dos discursos e das práticas, o

gênero e a sexualidade guardam a inconstância de tudo o que é histórico e cultural; por isso, às vezes escapam e deslizam. Faz-se necessário, então, inventar práticas mais sutis para repetir o já sabido e reconduzir ao "bom" caminho os desviantes. (Louro, 2004, p. 16-17).

Por causa disso, a matriz heterossexual através da qual a sociedade educa os corpos “paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões” (Louro, 2003, p. 17). Então, as pessoas que se afastam das normas regulatórias do sistema sexo-gênero-sexualidade acabam chamando mais atenção para o funcionamento dele. Também não podemos esquecer que os corpos carregam marcas que os definem, entendidas a partir das culturas nas quais se encontram (Louro, 2004), e gênero e a sexualidade marcam o corpo de cada pessoa, assim como outros marcadores sociais/culturais. Essas marcas “são também cambiantes e provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder” (Louro, 2004, p. 82). Informam como uma pessoa é tratada pelas outras pessoas, seja positiva ou negativamente.

A maioria das pessoas poderia citar inúmeros exemplos “seculares” a respeito do caráter dinâmico dessas marcas do corpo e das relações de poder que as envolvem. Mas as igrejas evangélicas também estão cheias desses exemplos. A Assembleia de Deus é conhecida por ter um dos códigos de comportamento mais rígidos dentre as igrejas evangélicas, porém, ela passou e ainda passa por reformulações. Algumas das integrantes femininas da Assembleia de Deus eram conhecidas no passado por suas “pernas cabeludas” (minha mãe conheceu algumas dessas mulheres quando era jovem), pois a denominação desencorajava a depilação em virtude de seus ideais de modéstia. No entanto, se as “pernas cabeludas” são entendidas culturalmente como marcas de gênero masculinas no Brasil, logo, o corpo dessas mulheres assembleianas carregava uma marca que destoava dos ideais tradicionais de gênero. Esse costume entre elas acabou perdendo sua força ao longo dos anos.

O pastor da Assembleia de Deus em Abreu e Lima, Robson Aguiar (2018a), cita várias outras normas assembleianas em relação ao corpo, como a proibição do uso de joias, a proibição do uso do cabelo comprido para os homens e do cabelo curto para as mulheres. No entanto, essas regras mudam de lugar para lugar e ao longo do tempo. Aguiar (2018b) expressa um desejo de repensar o funcionamento dessas normas porque algumas delas não seriam importantes de fato para a igreja, embora ressalte que não está advogando por uma abolição de todas as normas de conduta. Em vez disso, ele defende “uma identidade que nos distingua dos demais, sem contudo parecermos alienígenas entre os homens [e mulheres]” (2018b). Para ele, a igreja deve ser um modelo tanto para quem está dentro como fora dela. Portanto, a aparência de seus membros deve ser diferente da aparência de quem não faz parte

da congregação, mas ainda possuir respeitabilidade aos olhos da sociedade em geral; ao contrário dos membros das tribos urbanas, aponta o evangelista, que se destacam em relação aos demais mas são percebidos negativamente por eles.

A questão da depilação feminina não é exclusiva da Assembleia de Deus, sendo tema de um artigo do portal biblia.com.br, gerido pela Rede Novo Tempo de Comunicação (a proprietária da TV Novo Tempo). No texto “É errado a mulher cristã se depilar?” (2012), a depilação é entendida como uma questão de “higiene” e “cuidado”, não vaidade. Um “excesso de pelos” nas mulheres não faria parte do plano de Deus na criação do ser humano e ele teria surgido com o passar do tempo devido à “probleminhas hormonais” causados pelo pecado. A depilação, portanto, seria apenas uma correção desses “probleminhas”.

Não acredito que essa forma de entender os pelos femininos na Assembleia de Deus e na Igreja Adventista do Sétimo Dia tenha se formado por acaso: afinal, a conformidade ao gênero designado ao nascer é um dos 16 pilares da fé da Assembleia de Deus⁷ e também é insinuada nas principais crenças da Igreja Adventista do Sétimo Dia⁸. Fundamentalistas cristãos apelam para “verdades biológicas” ou “irrefutáveis” quando defendem um modelo binário de sexo-gênero e de sexualidade heterossexual. No entanto, notamos que Aguiar (2018b) admite que a cultura informa a aparência dos membros de sua igreja, pois eles buscam respeitabilidade social, e até mesmo a Rede Novo Tempo (2012) busca uma explicação científica para defender uma conduta “conformista” de gênero.

Louro (2004) nos explica esse fenômeno como algo inevitável, porque a “norma” não possui fundamento além da cultura. Na verdade, até mesmo o que entendemos como sexo biológico não é uma realidade puramente binária: as pessoas intersexuais, que possuem características biológicas tipicamente esperadas do sexo feminino e masculino, compõem aproximadamente 1% da população mundial de acordo com a ONU⁹. De acordo com Louro, não existe uma “essência” do sexo, uma natureza que crie corpos “masculinos” ou “femininos” porque todos os corpos são entendidos a partir de seu contexto cultural:

Não há nenhum núcleo efetivo e confiável com base no qual a "norma", ou seja, a consagrada sequência [sic] sexo-gênero-sexualidade possa fluir ou emanar com segurança. O mesmo pode ser dito a respeito dos movimentos para transgredi-la. Em ambas as direções, é no corpo e através do corpo que os processos

⁷ Disponível em: https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Declaracao_de_fe_2018.pdf. Acesso em 16 ago. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=he6v728s-h0> Acesso em 16 ago. 2023.

⁹ Disponível em: <https://www.unfe.org/wp-content/uploads/2017/05/UNFE-Intersex.pdf>. Acesso em 21 ago. 2023

de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente — pelo próprio sujeito e pelos outros (2004, p. 83)

Além das marcas de poder as quais Louro se refere, os corpos são marcados pelo tempo: pelo passado, presente e futuro. Goellner (2003) escreve que nossa tecnociência está sempre produzindo novas técnicas para alterar e reinventar os corpos. Nesse processo, ao mesmo tempo que novas liberdades são criadas, também se formam interdições. Tanto a expressão de uma individualidade como um autocontrole que busca alcançar todo o potencial desse corpo se realizam simultaneamente:

A produção do corpo se opera, simultaneamente, no coletivo e no individual. Nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós se operam. [...] Por essa razão, podemos pensar no corpo como algo que se produz historicamente, o que equivale dizer que o nosso corpo só pode ser produto do nosso tempo, seja do que dele conhecemos, seja do que ainda está por vir. Um corpo que, dada a importância que hoje apresenta no que respeita a construção de nossa subjetividade, está exigindo de nós não apenas a busca constante de prazeres sempre reinventados, mas também disciplina, responsabilidade e dedicação. Um corpo que, ao mesmo tempo que é único e revelador de um eu próprio, é também um corpo partilhado porque é semelhante e similar a uma infinidade de outros produzidos neste tempo e nesta cultura. (Goellner, 2003, p. 41-42)

Da mesma forma, quando pensamos na forma em que as pessoas vivem o sexo, do gênero e da sexualidade como uma viagem, um movimento, não podemos imaginá-las como andarilhos desbravadores em terras “selvagens” ou “inexploradas”, mas como pessoas situadas em espaços já ocupados por uma sociedade. Como todo viajante, essas pessoas podem tropeçar pelo caminho ou acidentalmente entrarem em “becos sem saída”. Louro (2004) ressalta que, assim como existem povos nômades que não vivem em um só lugar, existem pessoas que estão em constante movimento em relação ao seu próprio corpo e a forma como experienciam essa relação. A própria “fronteira” é um lugar. E, assim como existem pessoas forçadas a se deslocarem ou forçadas a permanecer num lugar, existem pessoas para as quais esses “movimentos” ou “paradas” não são escolhas livres. Além disso, esses movimentos de aproximação ou de afastamento das normas “*supõem investimentos, requerem esforços e implicam custos*” (Louro, 2004, p. 89). Ou seja, mesmo o que parece “natural” nessas vivências — especialmente quando falamos de seguir a norma, o que “todo mundo faz” — requer considerações e trabalho para acontecer.

Essa imagem da viagem também pode invocar a imagem de uma busca pela felicidade em que cada pessoa procura o caminho para alcançá-la. No entanto, a vida real é mais complexa do que isso. Sara Ahmed (2022) afirma que a sociedade pressupõe que há caminhos mais “felizes” do que outros, então, existe uma pressão para que as pessoas sigam esses caminhos “mais felizes”. Mas que caminhos são esses e de qual felicidade se está falando? A autora questiona. Normalmente, esse ideal de felicidade se conforma a normas sociais que preconizam algumas condutas corretas e que as pessoas que se rebelam ou simplesmente ignoram essas normas trazem tristeza para seus entes queridos:

A feminista estraga-prazeres vem à tona sem que você precise dizer nada. Basta não ficar feliz pelas coisas certas para estragar prazeres. Ou talvez a questão não seja se você está feliz ou não: você deve parecer feliz nos momentos certos. Quantas vezes você já ouviu que estragou uma fotografia por causa de sua cara rabugenta? Tantos jantares arruinados; tantas fotografias; tantas férias. Basta não parecer feliz o suficiente para estragar prazeres. (Ahmed, 2022, p. 92)

Ao falhar em seguir esses caminhos, esses viajantes fora do caminho e/ou as pessoas próximas a eles podem se sentir tristes porque eles estão fora do caminho que é feliz, não porque esses viajantes estejam necessariamente infelizes com o caminho. Por exemplo, assume-se que uma mulher será mais feliz quando se casar, e seus familiares ficam tristes quando essa mulher não está casada porque ela precisa estar casada para ser mais feliz. Talvez essa mulher fique infeliz por sentir a pressão de não estar no “caminho mais feliz” e busque um casamento. Ou, talvez, essa mulher decida que seu caminho mais feliz é continuar solteira. Então, ela se torna um “problema” para sua família (como a figura da feminista estraga-prazeres descrita por Ahmed), pois ela deveria estar feliz quando se casasse. Essa noção de felicidade, invocada por um suposto bem-estar do indivíduo, acaba contribuindo para preconceitos, desvalorizando outros arranjos familiares e sociais e até mesmo pode naturalizar violências contra outras pessoas.

Esse é um dos exemplos que mostram como nossas considerações sobre o mundo e sobre nós mesmos sempre são refletidas no modo através do qual organizamos a vida, desde nossa própria vida individual até as ações das instituições sociais e governamentais. Todos esses processos, seja a produção cultural dos corpos ou os movimentos que esses corpos fazem, possuem implicações econômicas, sociais e políticas: o direito a serviços de saúde e educação, reconhecimento legal, inclusão ou exclusão da força de trabalho e da vida pública, entre muitos outros.

Em sua crítica ao pensamento de que “questões identitárias” (ou seja, ligadas a gênero e sexualidade) apenas diriam respeito à cultura (ou seja, “meramente culturais”), Butler (1996) afirma que a sexualidade faz parte da economia política. A partir da teoria marxista feminista sobre o papel do gênero na divisão do trabalho, ela expande o conceito de família como modo de produção (de seres humanos), pois é a partir das normas da sexualidade que o gênero é disciplinado para garantir a eficiência da família como modo de produção. Logo, o gênero e a sexualidade de um indivíduo não é apenas uma realidade particular, mas um aspecto mediado e regulado a partir de instituições, sejam elas a igreja, o governo ou o Estado, e eles fazem parte do funcionamento dessas instituições.

Na obra de Foucault (1988), essa sociedade disciplinadora — que domina a sexualidade como parte de suas políticas — se consolida no final do século XIX a partir da histerização do corpo da mulher, da pedagogização do sexo da criança, da socialização das condutas de procriação e da psiquiatrização do prazer perverso. Nesta sociedade, o Estado exerce seu poder a partir das vidas que ele sustenta. Essa sociedade disciplinadora surge a partir de ideais cristãos, que guardam filosofias da Antiguidade Clássica.

Foucault (2002) diz que é na Antiguidade Clássica que se formam as “técnicas de si”, novas formas de se relacionar consigo mesmo (ou cuidar de si) que surgem no contexto do enfraquecimento das cidades-estado. O autoconhecimento se encontra numa posição central no cuidado de si. Nesse contexto, a tradição filosófica da antiguidade recomendava moderação no sexo, a partir da lógica de um uso parcimonioso das energias vitais, e que esses sujeitos sempre interrogassem a si mesmos continuamente para poderem utilizar esse autoconhecimento no aprimoramento e cuidado pessoal. Além disso, o casamento deixa de ser apenas uma “união econômica” ou a transferência da “tutela” de uma mulher para se tornar um relacionamento particular. Ele implica uma “arte de ser casado”, uma forma de existir diferente da forma que os solteiros existem, e uma relação em que marido e mulher estão em posição de igualdade e ambos possuem direitos e deveres.

Foucault (2020) afirma que existe uma continuidade entre as ideias da Antiguidade sobre a sexualidade — o que ele chama de regimes de aphrodisia — e as ideias do protocristianismo (o cristianismo dos primeiros séculos após a morte de Jesus Cristo), mas elas servem propósitos muito diferentes porque elas possuem objetivos muito diferentes para a vida desses sujeitos. Falamos anteriormente que a busca pelo autoconhecimento na tradição da Antiguidade estava fundamentada no pressuposto do autocuidado e do que Foucault chama de técnicas de si. Na tradição cristã, no entanto, o objetivo desse autoconhecimento é a transcendência da carne (da experiência terrena) e dos desejos pecaminosos que vêm dela:

A prática da penitência e os exercícios da vida ascética organizam relações entre o “malfazer” e o “dizer verdadeiro”, a primeira liga em feixe as relações a si, ao mal e ao verdadeiro, de uma forma que, sem dúvida, é muito mais nova e muito mais determinante do que tal ou qual grau de severidade adicionado ou suprimido ao código. Trata-se, com efeito, da forma da subjetividade: exercício de si sobre si, conhecimento de si por si, constituição de si mesmo como objeto de investigação e de discurso, liberação, purificação de si e salvação por meio de operações que levam a luz até o fundo de si e conduzem os segredos mais profundos à luz da manifestação redentora. Foi uma forma de experiência – entendida ao mesmo tempo como modo de presença a si e esquema de transformação de si – que então se elaborou. Foi ela que, pouco a pouco, colocou no centro de seu dispositivo o problema da “carne”. E em lugar de um regime de relações sexuais, ou dos aphrodisia, que se integra à regra geral de uma vida reta, teremos uma relação fundamental à carne que atravessa a vida inteira e subjaz às regras que se lhe impõem. A “carne” deve ser compreendida como um modo de experiência, isto é, como um modo de conhecimento e de transformação de si por si, em função de uma certa relação entre anulação do mal e manifestação da verdade. (Foucault, 2020, p. 47)

É a partir dessas técnicas desenvolvidas pelo cristianismo como a confissão e a penitência que se formam as tecnologias da carne, desenhadas para “domar” e controlar os corpos a partir desse conhecimento revelado. Isso contribui para o que Foucault chama de “vontade de saber” (1988), um uso do sexo como forma de desvelar uma verdade oculta sobre o indivíduo porque ele teria “um poder causal inesgotável e polimorfo” (1988, p. 64), muito embora essa “vontade de saber” não esteja ligada a curiosidade de fato. O autor afirma que essa *scientia sexualis* (ciência sexual) não vinha de um desejo pelo conhecimento como no estudo da reprodução animal, ela era direcionada a servir e justificar imperativos morais — talvez até melhor definida como uma “vontade de não saber”.

É através desse “conhecimento” produzido por essa *scientia sexualis* que a histerização do corpo da mulher, a pedagogização do sexo da criança, da socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer perverso servem de base para a sociedade disciplinadora de Foucault, que gerencia a vida a partir do controle do sexo. Ela se estabelece de modo distinto do poder soberano “convencional”, exercido a partir do direito de matar. Em vez disso, a sociedade disciplinadora exerce seu poder a partir do cultivo da vida: o direito de viver e como viver.

Enquanto os processos da pedagogização da sexualidade da criança e a histerização do corpo feminino buscaram controlar o corpo, com base numa responsabilidade à espécie conferida à cada indivíduo existente; o controle da natalidade e o combate às perversões sexuais faziam parte do gerenciamento da população, uma nova área de atuação dos governos,

que agora se preocupavam em manter populações grandes e saudáveis. Então, a sexualidade é o alvo central dessas novas políticas e instituições:

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso à sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história). (p. 145-146)

No entanto, como Preciado (2018) aponta, Foucault acaba ignorando as inovações e mudanças causadas pela medicina e pela indústria farmacêutica desde o final do século XIX (quando a influência da farmacêutica cresce significativamente) e se consolidam com o declínio do fordismo como modelo produtivo nos anos 70. A descoberta dos hormônios e suas formas de síntese possibilitou que os seres humanos controlassem seus organismos numa nova escala, desde o controle do açúcar no sangue pela insulina até as “características sexuais” ditadas pelo estrogênio e pela testosterona. A pílula anticoncepcional trouxe mais autonomia para as mulheres que não desejavam engravidar, enquanto o Viagra solucionou problemas de ereção. Até mesmo as cirurgias plásticas, criadas originalmente para reconstruir os corpos arrasados pela guerra, foram adaptadas para moldar os corpos para as formas ideais.

As mudanças não foram apenas científicas e corporais. É no mesmo século em que ocorrem as grandes guerras que também vivencia o desenvolvimento e crescimento da indústria pornográfica, além da maior participação feminina nos espaços públicos que foi estimulada pela ausência dos homens que foram lutar nas próprias grandes guerras. Também não podemos nos esquecer dos movimentos LGBTs que ganharam força nesse século e da maior participação dessas pessoas na vida pública. Portanto, Preciado afirma que “as técnicas necropolíticas da guerra progressivamente se tornarão indústrias biopolíticas para produção e controle de subjetividades sexuais”(2018, p. 27) para formar o regime farmacopornográfico, em que as subjetividades se formam a partir dessas substâncias, próteses e desejos farmacopornográficos:

Vivemos na hipermodernidade punk: já não se trata de revelar a verdade oculta na natureza, e sim da necessidade de explicitar os processos culturais, políticos e tecnológicos por meio dos quais o corpo, enquanto artefato, adquire um status natural [...] não há segredos escondidos [...] A verdade sobre o sexo não é uma revelação; é sexdesign. O biocapitalismo farmacopornográfico não produz coisas, e sim idéias variáveis, órgãos vivos, símbolos, desejos, reações químicas e condições de alma. (p. 38)

Preciado argumenta que a supremacia desse regime farmacopornográfico não se sustenta apenas em termos materiais e econômicos, mesmo que essas indústrias movimentem bilhões de dólares por ano. Em vez disso, a lógica produtiva desse regime farmacopornográfico está presente em todas as cadeias produtivas:

Neste período de gestão técnica do corpo, a indústria farmacopornográfica sintetiza e define um modo específico de produção e consumo, uma temporalização masturbatória da vida, uma estética virtual e alucinógena do objeto vivo, uma arquitetura que transforma o espaço interior em exterioridade e a cidade em interioridade e *junkspace* por meio de dispositivos de autovigilância imediata e difusão ultrarrápida de informação, um modo contínuo de desejar e resistir, de consumir e destruir, de evoluir e se extinguir. (Preciado, 2018, p. 44)

Este regime farmacopornográfico não supõe uma extinção da soberania tradicional (a necropolítica) ou até mesmo da sociedade disciplinadora descrita por Foucault. Em vez disso, ele age dentro dos processos criados por elas. No entanto, a necropolítica e a sociedade disciplinadora sempre atuam na vida dos indivíduos exteriormente, como através de exércitos ou de instituições. Já o regime farmacopornográfico permite que esse controle integre a própria subjetividade desses indivíduos:

a relação corpo-poder torna-se tautológica: a tecnopolítica assume a forma do corpo, é incorporada. [...] Esta é a era das tecnologias suaves, ligeiras, viscosas e gelatinosas que podem ser injetadas, inaladas — "incorporadas". [...] Essas novas tecnologias suaves de microcontrole adotam a forma do corpo que controlam, transformam-se em corpo, até se tornarem inseparáveis e indistinguíveis dele, acabando como soma-tecno-subjetividades. O corpo já não habita os espaços disciplinadores: está habitado por eles. A estrutura orgânica e biomolecular do corpo é o último esconderijo desses sistemas biopolíticos de controle. Esse momento contém todo o horror e a exaltação da potência política do corpo. (p. 85-86)

Em suma, precisamos compreender o “Sem Tabus” como um movimento envolvido em redes de poder — cultural, social, político e religioso. Ele é um esforço ambivalente nesse sentido porque, enquanto ele busca afirmar o paradigma heteronormativo da conformidade ao gênero designado no nascimento — a “consagrada sequência” do sexo-gênero-sexualidade nomeada por Louro (2004) —, ele também busca subverter os “tabus” e abrir discussões que ajudem seus telespectadores a terem relações positivas e abertas com suas sexualidades.

Por ter uma perspectiva cultural/religiosa específica, os valores que são atribuídos aos corpos também possuem especificidades que devem ser consideradas na análise, assim como

é esperado que esses valores também transpareçam nas práticas encorajadas pelo programa: na educação dos corpos que essa mídia propõe. E é imprescindível ressaltar que essas práticas estão situadas numa sociedade que disciplina os corpos através da sexualidade como forma de governo e de gerenciamento da vida (Foucault, 1988) e que esse controle também é circunscrito no próprio corpo através das novas tecnologias farmacopornográficas tal qual descritas por Preciado (2018). Ou seja, o controle assume formas sutis que muitas vezes somos incapazes de perceber porque ele faz parte de nós, seja inserido nos espaços que ocupamos ou em nossas próprias subjetividades.

3. LOVE IN THE TV WORLD: EVANGELISMO E SEXUALIDADE NA TELINHA

No capítulo anterior, afirmamos que a cultura informa a forma pela qual valoramos e lidamos com nossos corpos e as mídias são parte desse processo pedagógico. Ao mesmo tempo, é de conhecimento geral que uma das missões das igrejas evangélicas é disseminar suas crenças: a pregação do Evangelho. No “Sem Tabus”, esses dois processos se interseccionam. Podemos enxergar o uso da mídia televisiva da Igreja Adventista para comunicar sua mensagem do Evangelho, ligada às movimentações das igrejas para ocupar os espaços midiáticos, ao mesmo tempo em que podemos ver como o programa é influenciado pela própria cultura e mídia de seu tempo. Este capítulo busca entender como esses dois aspectos afetam o “Sem Tabus”, seu conteúdo e a forma de transmiti-lo.

3.1 IN HEAVEN: COMO AS IGREJAS EVANGÉLICAS SE APROPRIARAM DA TELEVISÃO NO BRASIL

Podemos dizer que as igrejas evangélicas, ou protestantes, sempre buscaram o uso das novas mídias para disseminar suas mensagens. Campos (2004) relata que elas têm um certo precedente histórico para isso com o uso da imprensa na reforma protestante de Martinho Lutero para disseminar cópias da Bíblia e também das próprias teses do pregador. O uso do rádio para fins religiosos também data do começo do século XX. No Brasil, a Igreja Adventista do Sétimo Dia foi uma das pioneiras na rádio com o programa Voz da Profecia, criado nos Estados Unidos em 1937.

Assim como várias igrejas importantes no cenário brasileiro foram fundadas por missionários estadunidenses, como a Assembleia de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a própria Igreja Adventista do Sétimo Dia, pode-se notar a influência dos EUA na atuação das igrejas brasileiras na comunicação de massa, no fenômeno que ficou conhecido como televangelismo (*televangelism*, em inglês).

Nos Estados Unidos, tradicionalmente as grandes emissoras cediam um espaço de sua grade a organizações que representavam as religiões mais professadas no país: o protestantismo tradicional, o catolicismo e o judaísmo. No entanto, a partir dos anos 60 as igrejas evangélicas (neste país, o termo exclui denominações mais antigas como as igrejas protestantes tradicionais, carismáticas, entre outras) adotaram estratégias agressivas de compra de tempo de tela nas emissoras estadunidenses porque a FCC (Federal

Communications Commission) alterou as regulações pertinentes ao “interesse público” que as emissoras de televisão precisavam atender. Ou seja, as emissoras poderiam vender parte de sua grade e ainda estariam atendendo ao “interesse público”.

Também é nesse período que os primeiros programas televisivos evangélicos são exibidos no Brasil, como o Fé para Hoje da própria Igreja Adventista, que estreou na TV Tupi em 1962. A venda de espaço na própria grade de programação ainda é uma prática comum que apresenta vantagens e desvantagens. Para a emissora que vende o tempo, ela sabe que terá programação para ser transmitida naquele período e não terá custos por isso: pelo contrário, ela receberá dinheiro por ele. No entanto, os programas religiosos normalmente possuem audiências mais baixas do que outros programas. Para as igrejas evangélicas, o espaço de uma emissora já consagrada é importante, mas está sempre dependendo da vontade da emissora de ceder aquele tempo, qual horário será cedido e qual preço ele custará (quanto maior a audiência esperada, maior será esse custo). A barreira do custo foi um dos principais empecilhos para esses primeiros empreendimentos televisivos das igrejas evangélicas, que muitas vezes recorriam aos horários das madrugadas por conta do preço menor.

Nos anos 80, com o enfraquecimento da FCC causado por Ronald Reagan, as igrejas evangélicas estadunidenses puderam comprar centenas de licenças de rádio e televisão. Várias delas se tornaram enormes empreendimentos milionários, que se beneficiaram dos pedidos de doações (as ofertas) e sua isenção de impostos (Fore, 2006). No Brasil, o cenário também se tornou propício para a obtenção de concessões públicas a partir da redemocratização do país após o final da ditadura militar. No entanto, vale ressaltar que o pastor Nilson do Amaral Fanini teria recebido uma concessão de televisão no Rio de Janeiro na época da ditadura militar por ter apoiado o regime, mas precisou vendê-la devido à dívidas.

A primeira emissora de televisão que passou para as mãos de uma igreja após a redemocratização foi a Rede Record, que era propriedade de Silvio Santos e foi vendida para o bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus, em 1989. Após o bispo, muitas outras igrejas adquiriram concessões de televisão, como a Igreja Internacional da Graça de Deus e a própria Igreja Adventista do Sétimo Dia. Um novo paradigma na comunicação evangélica se estabeleceu a partir deste momento:

[...] a aquisição de suas próprias estações de TV possibilitou aos pentecostais alcançarem um melhor padrão de qualidade em seus programas, que deixaram de ser artesanais para se tornarem mais profissionais. Porém, isso só se tornou possível com o surgimento de empreendimentos religiosos que fossem mais eficientes na captação de recursos financeiros, que centralizassem em um caixa único as ofertas, aperfeiçoando-se as formas de gerenciamento desses

recursos, dotando-os de liberdade para serem usados para bancar transações em faixas acima dos cinco milhões de dólares à vista. (Campos, 2004, p. 160)

Mas por que uma concessão pública é necessária para a operação de uma emissora de televisão? A transmissão da televisão — sons e imagens que “viajam pelo ar” — é feita a partir de ondas eletromagnéticas em diversas frequências. Assim como a água dos nossos rios ou os pássaros do nosso céu, essas frequências de ondas eletromagnéticas não são infinitas e podem causar interferências umas às outras quando utilizadas indiscriminadamente. Logo, o entendimento do governo brasileiro, assim como outros países, é de que esse espectro eletromagnético é um bem público que deve ser gerenciado pelo governo de forma responsável e que priorize o interesse público e o bem estar dos cidadãos.

No Brasil¹⁰, essa autorização (a outorga) é concedida por meio de um edital público em que as entidades interessadas em adquirir uma outorga para serviços de radiodifusão comercial, seja ela para o rádio ou televisão. Essas entidades precisam ter sede e administração brasileiras, além de capital predominantemente pertencente a brasileiros natos. Entre outros requisitos, a mesma pessoa jurídica não pode ter mais de uma outorga nem participar do quadro societário de outra outorga. Após ter seu pedido de outorga aprovado e recebido a autorização da ANATEL, a entidade paga o valor da outorga e em seguida pode assinar o contrato que formaliza a posse da concessão. Até 2021¹¹, esse valor só poderia ser pago à vista, o que dificultava ainda mais a participação de atores sociais menos favorecidos economicamente no processo.

No entanto, em vez de representar o interesse e o cuidado do governo pelo bem estar de sua população, as concessões públicas acabam fazendo parte de jogos políticos e de poder. Polato (2015) afirma que a regulação e gestão da radiodifusão no Brasil serve aos interesses de grupos privados e grupos políticos influentes, incluindo as igrejas evangélicas, em detrimento de setores menos representados:

A ocupação dos canais de comunicação pelas religiões é algo totalmente desigual e indiscriminado. Algumas religiões, com enorme maioria para evangélicos e católicos, possuem seus próprios canais ou compram horários na grade de programação de outros canais. Essa “ocupação” se dá pelo poder econômico, o qual permite essa compra massiva de espaço nos veículos de comunicação, e também pela influência política de algumas religiões, as quais

¹⁰ Tal como disponível no site oficial do governo brasileiro em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-outorga-para-exercer-servicos-de-radiodifusao-comercial>. Acesso em 08 set. 2023

¹¹ Tal como disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-09/decreto-regulamenta-parcelamento-de-outorgas-de-radiodifusao>. Acesso em 09 set. 2023

com pressão sobre o Estado, conseguem a liberação de outorgas. Devido a esses fatores, consequentemente religiões desprovidas de poderes econômicos ou políticos não conseguem ocupar o espaço televisivo. Grupos de matrizes africanas, por exemplo, dificilmente conseguem espaço nas telas. (Polato, 2015, p. 44)

Podemos pensar neste controle a partir do conceito do coronelismo, em que um grupo se utiliza de seu poder econômico e político para influenciar uma população. Veloso, De Vasconcelos e Cardozo (2015) afirmam que esse coronelismo, originado historicamente com o voto de cabresto, assume uma nova forma como um coronelismo eletrônico religioso, porque esses grupos religiosos percebem a relevância e o poder da comunicação de massa. Suas diversas apropriações desses meios “ganham uma dimensão e uma repercussão impressionante, sobretudo para retardar ou inviabilizar a conquista de direitos humanos pelas mulheres, negros/as e população LGBTT” (Veloso; De Vasconcelos; Cardoso, 2015, p.13).

A programação da Rede Record¹², a maior emissora do Brasil pertencente a uma autoridade religiosa, dedica suas madrugadas à exibição de programas da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Além disso, a IURD compra tempo de exibição em outras emissoras (Damião, 2023). Damião (2023) afirma que essa escolha faz com que a audiência das madrugadas da Record caia bastante, o que é justificado pelo interesse evangelizador da emissora. A estratégia mais bem sucedida da Rede Record nos últimos anos em relação à sua programação cristã foram suas novelas e séries bíblicas, com o capítulo de Os Dez Mandamentos em que Moisés abre o Mar Vermelho alcançou mais de 28 pontos no índice IBOPE, superando a novela A Regra do Jogo, da Rede Globo (Damião, 2023).

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é dona de duas concessões de geração de sinal televisivo, uma concessão para radiodifusão comercial que é utilizada pela própria TV Novo Tempo¹³ sob o nome de “TELEVISÃO CACHOEIRA DO SUL LTDA”, além de uma concessão para radiodifusão educativa¹⁴. A “TELEVISÃO CACHOEIRA DO SUL LTDA” é uma sociedade limitada em que a Rede Novo Tempo de Comunicação figura como sócia¹⁵. De acordo com Lobato (2016), registrar as concessões de televisão no nome de empresas criadas especificamente para receber as outorgas é uma prática comum das igrejas evangélicas, que

¹² Disponível em: <https://recordtv.r7.com/programacao>. Acesso em 11 set. 2023.

¹³ Tal como disponível em: https://sistemas.anatel.gov.br/se/eApp/reports/b/srd/resumo_sistema.php?id=57dbabbad2f66&state=TV-C4. Acesso em 4 set. 2023.

¹⁴ Tal como disponível em: https://sistemas.anatel.gov.br/se/eApp/reports/b/srd/resumo_sistema.php?id=57dbab839cd36&state=TV-C4. Acesso em 4 set. 2023.

¹⁵ Tal como disponível em: <https://portaldatransparencia.gov.br/busca/pessoa-juridica/89784037000161-televisao-cachoeira-do-sul-ltda>. Acesso em 4 set. 2023.

acaba dificultando a identificação da posse dessas concessões. Além dessas concessões para geração de sinal televisivo, Lobato (2016) relata que a Igreja Adventista se organizou para montar uma rede de retransmissoras capaz de alcançar todo o território nacional e que sua expansão gerou uma reação no Congresso Nacional, com o deputado Ruy Carneiro apresentando um requerimento ao Ministério das Comunicações para pedir esclarecimentos sobre “possíveis irregularidades” na concessão das retransmissoras.

Aqui, na Região Metropolitana de Pernambuco, a Assembleia de Deus utiliza a Rede Estação (canal 15 UHF), uma concessão para radiodifusão educativa¹⁶, para transmissão de seus programas próprios. Eu tenho uma certa relação pessoal com essa emissora porque minha família a acompanhou por alguns anos. Eu me sentia como se estivesse num culto dentro da igreja quando acompanhava a Rede Brasil, mas não sempre num sentido de comunhão espiritual e sim porque os programas se aproximavam bastante das pregações e testemunhos nas igrejas.

Eu percebia, embora não tivesse o conhecimento na época ainda, que a Rede Brasil não estava utilizando todas as capacidades da televisão e seus formatos, mas como uma extensão da igreja nas casas dos fiéis. Atualmente, a grade de programação não é muito diferente¹⁷: a maioria de seus programas são voltados para a pregação, a oração, a bíblia e o louvor e possuem formatos semelhantes aos próprios cultos da Igreja (os cultos também são transmitidos pela emissora). Alguns programas são dedicados a públicos específicos, como o Hora da Criançada e o Espaço Jovem; e existem dois programas noticiosos, o Giro da Notícia e o Jornal Estado.

Santana (2013) afirma que utilizar a televisão como uma extensão da congregação é uma estratégia pouco eficiente para sua comunicação. A autora, ao sugerir formas de aprimoramento para os programas exibidos pelas igrejas evangélicas de Brasília, propõe que as igrejas se conectem com as questões existenciais dos espectadores, fiéis ou não, para respondê-las através da Bíblia. Além disso, seria necessário que elas se adaptassem à linguagem televisiva:

Os programas precisam ser mais persuasivos, voltados para o presente, para debate [de] temas atuais que influenciam a vida das pessoas. Tem-se que investir na criação de novos quadros, na pesquisa. A igreja também é local de diversão, de comunhão, entretenimento, amizade. Os programas precisam mostrar as inúmeras atividades realizadas pelos membros, pois fica somente a imagem de

¹⁶ Tal como disponível em: <https://sistemas.anatel.gov.br/se/public/view/b/srd.php?wfid=estacoes&id=57dbab8c45658>. Acesso em 09 set. 2023

¹⁷ Disponível em: <https://tv.redebrasiloficial.com.br/programacao>. Acesso em 08 set. 2023

um grupo sério, fechado e voltado somente para ler a Bíblia. Como se apenas as ministrações fizessem parte da vida dos evangélicos. E a realidade é que a igreja também é um local social, além de espiritual. [...] É preciso uma mensagem mais curta, direta e edição mais experta [sic] para um programa começar a ter as características para a TV. Chega de mensagens exortativas, longas, enfadonhas. Isso faz com que o controle remoto seja usado e as pessoas mudem de canal. A mensagem da cruz pode ser transmitida de maneira mais inteligente e leve sem perder seu conteúdo e santidade. É urgente colocar alegria e dinamismo nos programas evangélicos. (Santana, 2013, p. 86-87)

Neste sentido, mesmo que a referência a Tillich não seja explicitada como no texto de Santana (2013), podemos perceber que a TV Novo Tempo busca com sua grade de programação¹⁸ um diálogo mais próximo da realidade secular de seus espectadores. Ao contrário da grade da Rede Brasil, a TV Novo Tempo possui mais programas que se articulam entre diferentes partes da vida e interesse das pessoas — por exemplo, na grade atual, a ciência é tema de três programas distintos “Experimenta! Além da Teoria”, “Super Lupa” e “Origens com Ana Lopes”, enquanto a convivência e o desenvolvimento familiar é tema de dois programas, o “Consultório de Família” mencionado anteriormente e o “Entre Família”.

Logo, o surgimento do “Sem Tabus” e sua longa duração não é um caso isolado, mas sim uma das consequências da apropriação da televisão pelos grupos evangélicos, cuja crescente influência econômica e política permitiu a construção de novas estratégias comunicacionais para abordar as discussões e mensagens que esses grupos pretendem disseminar.

3.2 BODY TALK: A ABORDAGEM DA SEXUALIDADE DE PROGRAMAS TELEVISIVOS CONTEMPORÂNEOS AO “SEM TABUS”

Nesta seção, vamos abordar o cenário de programas sobre a sexualidade na televisão aberta e como ele influenciou a formação e condução do “Sem Tabus”, dando destaque para o programa “Amor&Sexo” da TV Globo.

Primeiramente, devemos tratar de uma particularidade do “Sem Tabus” que não é tão particular assim: todas as suas edições foram disponibilizadas na íntegra através do Youtube¹⁹. Mattos e Silva (2011) relatam que essa foi uma prática comum entre outros programas de sexualidade, como o “Ponto Pê” e o “PodSexo” da MTV e o segmento do “Altas Horas” da TV Globo com a sexóloga Laura Muller. O site do “Sem Tabus” saiu do ar e apenas alguns

¹⁸ Disponível em: <https://www.novotempo.com/tv/#programas>. Acesso em 06 set. 2023

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/@SemTabus/videos>. Acesso em 02 set. 2023.

episódios foram veiculados na NTPlay, a plataforma de streaming da TV Novo Tempo, mas podemos encontrar todas as edições pelo Youtube. Todos os episódios analisados neste trabalho só puderam ser acessados através do Youtube, que acabou servindo como uma espécie de arquivo do programa mais completo do que a própria plataforma oficial. Mas essa não é a única particularidade criada por esse modo de circulação:

No entanto, os vídeos não só são acessíveis, como são continuamente acessados pelo público e recebem comentários quase totalmente livres (já que podem ser denunciados se considerados ofensivos ou apagados pelos usuários). Assim, o YouTube apresenta debates permanentemente atualizados sobre os programas, interação que jamais existiu na televisão — ao menos, não com tal liberdade. (MATTOS; SILVA, 2011, p. 10)

A circulação própria do Youtube permite que programas continuem relevantes por longos períodos, depois de anos e até mesmo depois de uma década, como é o caso dos programas “Sexo Criativo”, “Mitos do Sexo”, “Sexo Anal e Oral” analisados neste programa. Esses vídeos, assim como muitos outros, receberam comentários de internautas muito tempo depois da veiculação original do programa e até mesmo depois do programa ter saído da grade de programação da Rede Novo Tempo, e também puderam circular em outras plataformas, gerando novos discursos (como este mesmo trabalho).

O programa mais célebre no mesmo ramo do “Sem Tabus” foi o “Amor & Sexo” da Rede Globo, que estreou dois anos antes. Ele foi apresentado por Fernanda Lima, que também viraria redatora do programa. A proposta do programa era discutir temas relacionados ao amor, sexo e relacionamentos de forma aberta e descontraída, abordando questões de gênero, sexualidade e tabus sociais.

“Amor & Sexo” era um programa de auditório com uma banda e também possuía convidados fixos contava com debates, entrevistas, performances musicais, esquetes de comédia e a participação do público. O programa foi conhecido por uma abordagem irreverente e provocadora que queria incitar discussões importantes, por exemplo, sobre a sexualidade feminina e sobre os direitos das pessoas LGBT. Sua única regra era que todos os seus participantes, desde a equipe do programa até a plateia, deveriam “falar abertamente sobre os assuntos em pauta”²⁰.

²⁰ Tal como disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo/noticia/amor-sexo.ghtml>
Acesso em 11 set. 2023

De acordo com Marques (2021), o “Amor&Sexo” herdou uma tradição de falar sobre a sexualidade de forma aberta e bem-humorada da programação da MTV, com os programas *Erótica MTV* (1999), *Fica Comigo* (2000), *Peep Show* (2002), *Ponto Pê* (2004), *PodSex* (2009) e *MTV Sem Vergonha* (2012). Fernanda Lima, inclusive, foi apresentadora do *Fica Comigo*, que buscava juntar casais em encontros “às cegas” e também tinha apresentado casais homossexuais como uma forma de representação positiva deste tipo de relacionamento.

Marques afirma que um dos maiores trunfos do programa é sua mescla de entretenimento e conteúdo informativo, que conferia pertinência e seriedade às discussões apresentadas, mas sem afastar ou assustar seu público:

Ainda que abordasse temas difíceis, como preconceitos que as mulheres enfrentam, o Amor e Sexo era um bom companheiro para as noites de sua audiência. Em nenhum momento se nota que o programa subestima seu público, pois não usa de artifícios manjados ou estereotipados para a contextualização de pautas. Por que não um jogo entre mães e filhos para mostrar que a cumplicidade entre ambos pode existir sem receio? Por que não, em meio a um discurso feminista, dançar e mostrar o poder das mulheres? Essas novas formas de apresentar os conteúdos estão associadas, na minha visão, ao fato do programa ser um produto do INFOtenimento [...] Em meio às informações emitidas, o humor (uma das características deste subgênero) era utilizado de forma complementar, fazendo com que plateia e convidados sorrissem e se divertissem, mas que ao mesmo tempo recebessem conteúdos importantes para o entendimento das pautas. Na hora de falar sobre educação sexual, por exemplo, uma das convidadas chegou a responder de forma mais séria e contundente, porém, isso não anulou a graça em que o momento estava envolto. Percebo a inteligência do programa ao usar do humor para tornar o conteúdo mais ‘palatável’. (Marques, 2021, p. 130)

No entanto, nem tudo são flores em relação ao Amor&Sexo. Quadros (2015), em sua análise da oitava temporada, comenta que o programa traz exemplos positivos quando fala sobre os novos arranjos familiares com duas mães ou dois pais, por exemplo, mas também acaba recorrendo a estereótipos para representar pessoas homossexuais, por exemplo:

No Episódio 3, cujo tema era “o papel do macho” (Memória Globo, 2013b), tem-se a apresentação de um esquete cômico no palco de “Amor & Sexo”. Os atores Paulo Silvino, Juliano Cazarré [sic] e Ailton Graça, vestidos de pintinhos amarelos, estão em um banheiro masculino quando Paulo Silvino fala o bordão “Isso é uma bichona” (SD19), de um conhecido personagem do programa humorístico “Zorra Total”, também da Rede Globo, em referência ao personagem do ator Ailton Graça. O personagem do ator Juliano Cazarré responde, em concordância: “É frango” (SD20). Ambas as falas se referem a uma possível homossexualidade do personagem de Ailton

Graça, em tom de deboche. Os convidados e a plateia riem, em uma representação da homossexualidade como motivo de piada. A apresentadora, jurados e convidados comentam sobre o esquete, mas a piada não entra na discussão. Isso vai ao encontro dos aspectos explicados por Moscovici (2011), em que a representação social de homossexuais, construída a partir do deboche, se torna comum e sua influência se fortalece com a falta de reflexão sobre a veracidade ou não dessas ideias. (Quadros, 2015, p.50-51)

Quadros (2015) afirma que essas representações ou caracterizações negativas se baseiam numa espécie de senso de humor “como forma de validar a perspectiva da piada e do deboche como se não fossem prejudiciais à representação que se constrói dessas pessoas”. No mesmo episódio, a “Tarcísio Meira Band” fez uma apresentação que se propunha a criticar homens homofóbicos, mas a autora mostra que essa crítica se valia de estereótipos de homens gays. Além disso, Quadros relata que a oitava temporada também teve outros casos problemáticos em relação à população LGBT.

A sexualidade de uma mulher bissexual é abordada brevemente em um quadro do programa. Embora não receba comentários necessariamente desrespeitosos de Fernanda Lima, os efeitos sonoros utilizados pelo programa contribuem para tratar a sexualidade dela como algo inusitado e erótico, um estereótipo muito nocivo às pessoas bissexuais. Além disso, um homem trans, a única pessoa transexual que aparece na temporada inteira, é entrevistado para falar sobre sua experiência e acaba recebendo pouco tempo de tela e atenção. Para Quadros (2015), o “Amor&Sexo” serve como um ponto de partida para as discussões LGBT, sua execução não foi perfeita, mas é relevante.

Portanto, devemos entender o “Sem Tabus” como uma consequência da apropriação da televisão e seus formatos pelas igrejas evangélicas e a influência de outros programas que se propunham a abordar a sexualidade abertamente. O programa demonstra um certo amadurecimento das estratégias comunicativas da Igreja Adventista do Sétimo Dia, que se assemelham às estratégias de aproximação com a sociedade propostas por Santana (2013). Ao mesmo tempo, ele busca trazer leveza e sinceridade na transmissão de conhecimentos, mesmo que não possua o mesmo tom irreverente do “Amor&Sexo”. Este programa trouxe discussões e conhecimentos importantes, mas também cometeu alguns erros.

No capítulo a seguir, analisaremos o “Sem Tabus” e como os aspectos abordados previamente informam o programa e nos auxiliam a analisá-lo.

4. THE THINGS THEY DID FOR ME OUT OF LOVE: UMA ANÁLISE DOS PROGRAMAS SELECIONADOS

Quatro programas foram escolhidos para a análise deste trabalho e serão abordados em ordem cronológica: “Sexo Criativo”, exibido em agosto de 2012, “Mitos do Sexo”, exibido em fevereiro de 2013, “Sexo Oral e Anal”, exibido em abril de 2013, e “Comunicação e Intimidade”, exibido em junho de 2019. A convidada Isabel Passos aparece em três desses episódios, o que não foi intencional, visto que ela é uma presença recorrente no programa e participou de dez episódios, contadas as edições analisadas neste trabalho.

Nota-se como o “Sem Tabus” transmite as mensagens do programa quase exclusivamente de forma oral, o que faz sentido já que ele também foi retransmitido pela rádio, então a visualidade do programa colabora mais na construção do tom do programa do que na transmissão de conteúdo propriamente dita. A cenografia e a fotografia do programa buscam trazer um ar de intimidade ao programa, seja pela iluminação ou pelo arranjo da decoração, ou pelos close-ups na apresentadora Darleide Alves ou nos convidados. Isso não é necessariamente um problema, visto que faz parte da tradição dos talk shows serem baseados na oralidade.

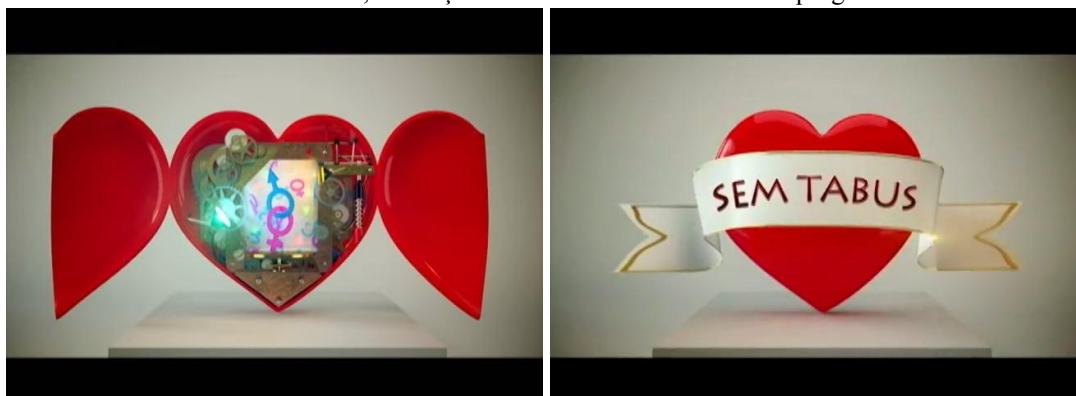
Uma das “desvantagens” do “Sem Tabus” em relação a programas como o “Amor&Sexo” é o seu formato como talk show. Ele geralmente só tinha a participação de duas pessoas: a apresentadora Darleide e a(o) convidada(o), como nos programas analisados. Embora o programa permitisse a participação dos telespectadores, ela era sempre mediada por Darleide, que lia esses comentários e perguntas enviadas ao programa. Logo, torna-se mais difícil ouvir uma multiplicidade de vozes que permitiria um debate mais plural, como era típico no Amor&Sexo, em que havia uma apresentadora, um “elenco fixo” composto por atores e outros representantes da Rede Globo e diversos convidados que seriam especialistas no tema em questão ou cuja experiência pessoal seria relevante, além do próprio auditório do programa.

Vale ressaltar que, embora Darleide não ocupasse o papel de “especialista” em sexualidade, as intervenções dela são importantíssimas, seja na abertura ou encerramento do programa, no direcionamento da conversa e ao pedir esclarecimentos sobre algumas das afirmações feitas por especialistas, como até mesmo passando algumas das mensagens centrais aos episódios. De certa forma, Darleide assume um duplo papel: ela recebe o papel de autoridade por ser responsável pela condução da conversa e é a representante dos

espectadores (um público leigo), seja como intermediária das mensagens enviadas para o programa, seja por suas próprias perguntas e comentários.

4.1 FIRE IN THE HOLE: “SEXO CRIATIVO”

Figura 3 — Frames da abertura do programa “Sem Tabus”. À esquerda, o símbolo masculino (o círculo com uma seta para cima) e o símbolo feminino (o círculo com a cruz para baixo) se entrelaçam num coração mecânico aberto. À direita, o coração se fecha e mostra o nome do programa.



Fonte: reprodução (Alves, 2012)

“Sexo Criativo” foi exibido em agosto de 2012, aproximadamente um ano após a estreia do “Sem Tabus”. O programa ainda está utilizando sua primeira abertura, uma animação computadorizada que retrata um coração mecânico para simbolizar o “funcionamento” dessas relações sexuais e amorosas e elementos ligados a estas relações (heterossexuais) de uma forma lúdica e bem-humorada.

Além dessa referência ao casal heterossexual presente na abertura, a apresentadora Darleide Alves afirma que esse “sexo criativo” é relativo ao contexto do casamento heterossexual, mas as pessoas que não são casadas e querem aprender também podem acompanhar o episódio e não se sentirão escandalizadas pelo conteúdo do episódio.

“Sexo Criativo” é a primeira participação da terapeuta de família Isabel Passos, que seria convidada em vários outros episódios, incluindo os outros episódios analisados por este trabalho “Mitos do Sexo” e “Comunicação e Intimidade”. A apresentadora e a convidada se sentam em cadeiras vermelhas de veludo, separadas apenas por uma pequena mesa de centro com duas taças em cima dela, e a iluminação é suave, contribuindo para um ar de intimidade ao programa. O cenário também apresenta uma referência a heterossexualidade através de uma sanca iluminada com a cor rosa no lado esquerdo — onde Darleide Alves se senta — e com a cor azul no lado direito — onde a convidada(o) se senta.

Darleide, no início da edição, revela que Isabel também participou da produção da pauta de “Sexo Criativo”, que a apresentadora até consulta em determinados momentos da edição. Isabel fala de uma maneira aberta e muito bem humorada que por vezes faz Darleide rir bastante, o que dá leveza ao programa e o aproxima do entretenimento.

Figura 4 — Frames do episódio “Sexo Criativo”. À esquerda, Darleide Alves examina a pauta enquanto Isabel fala. À esquerda, Isabel Passos está falando e um GC que a identifica aparece na tela



Fonte: reprodução (Alves, 2012)

Isabel Passos começa sua participação citando motivos que podem levar a diminuição do desejo sexual. Para a terapeuta, a higiene é um dos detalhes mais importantes no relacionamento sexual e ela conta sobre um caso que atendeu para ilustrar seu ponto de vista. Um casal de idosos que morava no campo estava tendo dificuldades porque, apesar de ambos terem bastante libido, a esposa não gostava que o marido não se asseava antes do contato sexual. Essa esposa o atacava com termos como “seboso”, “sujo”, uma forma de expressar as queixas que Isabel desencoraja porque a outra pessoa fica na defensiva, e que essas queixas devem ser feitas sempre na primeira pessoa. Então, a terapeuta sugeriu que essa idosa inserisse o banho na rotina sexual dos dois, convidando o marido a tomar banho com ela e ensaboando seu corpo de cima a baixo, com um cuidado especial no pênis dele (que a terapeuta chama de “brinquedo”), de forma a mostrar como ela queria que ele se asseasse. Esse casal superou este problema, de acordo com o relato de Isabel, e o marido passou a esperar ansiosamente pelos banhos com a esposa. Pode-se pensar que a solução da terapeuta para o problema do casal de idosos talvez tenha recaído de forma desigual nos ombros da mulher e essa é uma questão delicada porque outros exemplos semelhantes também aparecem na nossa amostra, indicando que esse não é um caso isolado.

Contar essa história tão abertamente definitivamente vai contra uma visão cristã mais conservadora de sexo, principalmente se considerarmos que ela está sendo televisionada, e

contada com humor. Isso se enquadra no que muitas pessoas chamam de “quebrar um tabu”, expressão às vezes usada pela própria Darleide Alves durante os programas. O conceito de falar sobre sexo abertamente como uma forma de “liberação” não é recente. Foucault (1988) diz que as pessoas que defendem esse ponto de vista afirmam que apenas falar sobre sexo sobre ele nos liberaria dos mecanismos de controle dessa sexualidade. Esse é um dos preceitos fundadores do “Sem Tabus”.

No entanto, Foucault afirma que apenas o ato de falar não é suficiente para romper com todos os mecanismos de controle dessa sexualidade porque ela está ligada a vários jogos de poder e de gerenciamento da vida. Não é uma questão apenas do que é dito ou não, mas sim de como é dito, quando é dito, onde é dito, quais são as relações de poder que se exercem nesse meio. O “Sem Tabus” se encontra entre conservadorismos que reprimem a sexualidade, movimentos que buscam vivê-la mais livremente e todos os outros movimentos que se encontram dentre esses dois.

Ao se apropriar de uma linguagem mais aberta e desinibida para falar sobre sexo que estava em voga na televisão como no “Amor&Sexo”, o “Sem Tabus” se aproxima desse discurso de liberação sexual, mas, como Foucault (1988) afirma, é necessário muito mais do que apenas falar abertamente sobre sexo para existir uma liberação, e sim contestar as estruturas de poder como um todo.

Após dar outras dicas de higiene voltadas às mulheres, como o uso de calcinhas de algodão para prevenir a candidíase, ela afirma que os preconceitos e o sistema de crenças que as pessoas carregam podem tolher a criatividade que elas poderiam expressar no sexo. Esses preconceitos e crenças não seriam apenas religiosos, mas também culturais e sociais, como os preconceitos relacionados à forma em que os homens entendem as mulheres e as mulheres entendem os homens.

Passos explica parte desses preconceitos como uma influência satânica: que Satanás levaria as pessoas ao sexo sem limites quando elas estão afastadas da Igreja e faria com que elas pensassem que tudo ligado ao sexo é pecado quando frequentam a Igreja. Ou seja, além da influência cultural, ela diz que parte dessa inibição teria uma origem espiritual. A espiritualidade como explicação de um fenômeno ou justificativa de uma conduta, como se espera num programa que vem de uma emissora religiosa, é recorrente, o que pode impedir uma discussão das causas sociais desses problemas.

Essa influência satânica também se manifestaria nas mulheres de forma que elas não tomariam a iniciativa sexual porque uma mulher tomar a iniciativa não seria “algo de Deus”, o que Isabel refuta, mas também diz que elas devem tomar a atitude porque se elas não

tomarem alguma atitude, seus maridos podem deixá-las, o que mostra uma assimetria em relação ao papel do homem e da mulher nesses conselhos transmitidos. Isabel não fala, por exemplo, que o homem dessa relação poderia encontrar outras formas de incentivar essa mulher a se expressar sexualmente e encontrar um meio termo para a situação.

No entanto, a terapeuta também fala sobre como certos homens também não se esforçam para dar prazer às esposas. Para muitos homens, afirma Isabel, o papel sexual que lhes é ensinado “é aquele que domina, é aquele que tá ali pra ter a sua vontade satisfeita e sem pensar que o sexo é uma troca, que o outro também tem que ser satisfeito” (Alves, 2012, 15min12s) e isso afeta negativamente a vida de suas parceiras.

Ao mesmo tempo, a criação feminina tende a ser mais restritiva e quando elas tentam inovar, segundo a terapeuta, os homens acabam ridicularizando, ignorando ou até mesmo não compreendendo essas iniciativas, como no caso de uma esposa que teria decorado o quarto com velas e seu esposo ficou confuso por achar que alguém teria morrido. O remédio para isso seria o bom humor, disse a terapeuta, sugerindo que esta mulher tivesse respondido “ninguém morreu ainda, mas depois do negócio que eu vou fazer com você” (Alves, 2012, 20min54s), incitando o marido ao ato sexual.

Outra ideia que Isabel defende é que, por serem muito sensíveis, às vezes as mulheres ficam incomodadas com coisas banais e que isso seria egocêntrico da parte delas. Isabel Passos justifica essa fala ao contar de uma vez que estava saindo com seu marido semanas depois de ter feito uma cirurgia e ele, após falar que ela estava arrumada, falou que o cabelo dela estava bagunçado. No dia seguinte, ele a chamou para conversar e Isabel expressou sua raiva com o comentário dele, ao que seu marido respondeu que ele tinha comentado sobre o cabelo dela por um instinto protetor, tal qual ele teria ajudado ela a se limpar quando ela estava se recuperando da cirurgia.

Mesmo que suponhamos que o marido da terapeuta tenha tido boas intenções, essa ideia pode ser nociva porque pode ser utilizada para ferir a confiança dessas mulheres. Muitas vezes, esposos abusivos minam a autoestima de suas esposas com comentários que afirmam serem amorosos e elas não deveriam ficar incomodadas por causa deles, mas que são feitos para machucar e controlá-las.

Isabel destina outro conselho às mulheres inseguras com seus corpos: o bom sexo não tem a ver com um corpo que atende aos padrões de beleza e sim com a capacidade de se “libertar, o quanto eu sou capaz de me expressar, como eu expesso minha liberdade sem amarras” (Alves, 2013, 28min30s). É neste momento que Darleide Alves intervém, por perceber que os conselhos da terapeuta estão se direcionando majoritariamente às mulheres, e

pergunta se a terapeuta estaria fazendo isso de propósito devido à uma (suposta por Darleide) maior criatividade feminina. Passos nega, esclarecendo que sua escolha de direcionar a maior parte dos conselhos às mulheres se daria por uma necessidade das mulheres assumirem mais frequentemente a condução nas relações sexuais, enquanto os homens deveriam ser mais sensíveis e românticos.

Depois desta discussão, o tema seguinte é o *kama sutra*, sugerido por uma espectadora, que Darleide caracteriza como “bem criativo”. Para Isabel Passos, o casal pode ter relações sexuais em qualquer posição que for possível fisicamente para os dois, contanto que seu objetivo seja o intercuro entre o pênis e a vagina “como Deus quis”. No entanto, ela é um pouco reticente no uso do *kama sutra*, o que Darleide estranha por Isabel dizer que está incentivando a criatividade. A terapeuta se justifica porque casais com dificuldades, segundo ela, poderiam partir para outras práticas que seriam “mais nocivas” quando o *kama sutra* parasse de servir.

Há um comentário que é um pouco ambíguo, mas que se encaixa na pauta recorrente sobre homens que não conhecem a(s) forma(s) correta(s) de proporcionarem prazer sexual às esposas. Isabel Alves reclama que alguns homens, durante a penetração, não saberiam alcançar “o lugar” que dá prazer, que “faz o olhinho virar”. Darleide fica confusa com o comentário, ao que ela responde “você quer que eu dê aula de manobrista?”. Neste caso, ela recomenda que as mulheres instruam seus maridos como eles devem se posicionar, como se fossem “manobristas”. A terapeuta não deixa claro qual seria esse lugar que dá prazer: pelo contexto, é possível que ela esteja se referindo ao “ponto G”, uma parte do canal vaginal que seria mais sensível aos estímulos, embora sua existência ainda não tenha sido comprovada, nem sua estrutura anatômica seja totalmente compreendida²¹.

No entanto, Isabel acaba ignorando que esse processo pode se tornar mais difícil quando a mulher não conhece seu próprio corpo. Também seria mais produtivo se ela incentivasse esses homens a descobrir estes caminhos do prazer junto com as próprias esposas, por exemplo, explorando o corpo desta mulher junto com ela e perguntando atenciosamente se a forma como ele está fazendo a penetração está sendo prazerosa.

Em seguida, Darleide traz a pergunta de uma telespectadora que não sabe como proceder porque seu marido se acostumou com uma posição sexual e ela quer variar. A resposta que ela recebeu foi que essa mulher deveria conversar carinhosamente com seu marido para sugerir outras posições que ambos aproveitassem. A última pauta vem da pergunta de uma telespectadora sobre o que Isabel Passos acharia sobre os motéis em relação

²¹ Tal como disponível em: <https://doi.org/10.1016%2Fj.esxm.2021.100435> Acesso em 11 set. 2023.

a esse sexo criativo. Interessantemente, é neste ponto que ela faz uma distinção entre seu posicionamento religioso e como profissional da saúde. Como terapeuta cristã, ela desaprova a ida aos motéis porque acredita que o sexo deve ser feito num ambiente “modelo” como a morada do casal, já que Deus teria criado o matrimônio e o sexo. Como profissional da saúde, ela desencoraja a ida aos motéis devido aos riscos sanitários que esses ambientes podem apresentar, e afirma que, nesse sentido, hotéis seriam menos arriscados.

Em “Sexo Criativo”, o prazer sexual é visto como algo natural (um presente divino) e o episódio incentiva os espectadores a explorarem seus desejos e vontades, mas, obviamente, sempre dentro do casamento heterossexual, que seria a forma “planejada” por Deus para esse prazer acontecer. O programa indica a comunicação honesta e o bom humor para que esse objetivo seja alcançado, além da própria criatividade, mas que essa criatividade não se aproxime de práticas que se afastariam dessa “forma planejada”. De certa forma, “Sexo Criativo” se propõe a desconstruir certos preconceitos que afetam a criatividade feminina, mas podemos notar que o peso dessa participação acaba sendo desigual, o que se repete no episódio “Mitos do Sexo”.

4.2 YOU MISSED MY HEART: “MITOS DO SEXO”

Figura 5 — Frames do episódio “Sexo Criativo”. À esquerda, Darleide Alves ouve Isabel Passos. À esquerda, Isabel Passos está falando e a tela tem um GC que assinala o tema da edição



Fonte: reprodução (Alves, 2013a)

Este é o mesmo episódio mencionado na introdução deste trabalho, cujo trecho foi exibido no CQC. A abertura é a mesma de “Sexo Criativo”, e o cenário também é o mesmo, embora a iluminação esteja um pouco mais forte e a qualidade de imagem tenha melhorado. Darleide Alves abre “Mitos do Sexo” explicando que aquele programa falaria sobre noções equivocadas que as pessoas teriam sobre o sexo que afetariam suas vidas sexuais

negativamente e que Isabel Passos seria a especialista com quem abordaria esse tópico. Este é o terceiro episódio do “Sem Tabus” com a convidada, e Darleide e Isabel já construíram uma relação de cumplicidade também derivada do humor da terapeuta que transparece nas interações entre as duas.

A princípio, a apresentadora pede para que Isabel Passos discorra sobre o motivo do programa e ela fala que é necessário tratar sobre essas noções equivocadas, esses preceitos que as pessoas carregam e que prejudicam suas vidas sexuais. É nesse momento que Isabel relata o papel divino na criação das genitálias dos seres humanos: o pênis e o clitóris; este último um órgão cuja função é sentir prazer. Ela o faz para desmistificá-las e situá-las como partes importantes do corpo humano e da criação divina, citando que, por exemplo, as crianças aprendem os nomes de todas as partes de seu corpo, menos das partes íntimas, que também são proibidas de tocá-las.

Esses comentários de Isabel Passos refletem a pedagogização da sexualidade da criança e a histerização do corpo feminino como abordadas por Foucault (1988), no contexto da sociedade disciplinadora. A terapeuta mostra uma oposição a este paradigma por via dessa interpretação, propondo-se a naturalizar tanto o prazer feminino, que é entendido como perigoso e que deve ser domado a partir da maternidade, quanto a relação das crianças com seu próprio corpo, que é entendida como perigosa e sempre deve ser mediada e controlada pelos adultos.

Ao abordar o clitóris e os mitos do sexo, Isabel Passos afirma que o orgasmo vaginal seria um desses mitos e que o orgasmo apenas seria possível com a estimulação clitoriana. Embora não haja consenso médico sobre o orgasmo vaginal ser um mito ou não e esta fala atual de Isabel até mesmo se contradiz com a fala passada em que ela insinua o ponto G, não está no escopo deste trabalho ponderar a validade destas afirmações. Sabe-se que a estimulação clitoriana proporciona orgasmos e é relevante que Isabel mencione o papel deste órgão porque sabe-se que o corpo feminino acaba se tornando um “mistério” e há mulheres que não entendem como seus corpos se comportam.

Muitas mulheres, a terapeuta continua, passam suas vidas inteiras sem alcançarem o orgasmo porque esperam que conseguirão senti-lo apenas com a estimulação vaginal. Isabel Passos explica que, no intercursos sexual, há poucas posições que permitem a fricção do pênis com o clitóris e que, nas posições em que esse contato não é possível, o homem deve manipular o clitóris da mulher durante a penetração para que ela sinta prazer.

Em seguida, Isabel afirma que o que sexo é descoberta, então ao longo do tempo de relacionamento, o casal descobre quais posições permitem o prazer para ambas as partes na

penetração vaginal. Então, ela e Darleide começam a debater sobre o papel da igreja nessa educação sexual, ao que a terapeuta responde que a igreja está exercendo seu papel corretamente na educação sexual das pessoas (tanto a igreja católica, como as igrejas evangélicas). Em vez disso, seria o mundo secular que afastaria as pessoas de explorar a própria vida sexual por mostrar uma visão muito “vulgar” de sexo. A apresentadora pontua que as descobertas seriam parte da sexualidade, mas elas não deveriam seguir esses padrões seculares:

Então [...] é necessário motivar os casais pra que se descubram sexualmente juntos. E é interessante também dizer que essa descoberta sexual não precisa necessariamente alugar um filme de pornografia. Necessariamente não, em hipótese alguma! [...] A gente tá falando de descobertas entre vocês dois. É a mulher ter a liberdade de dizer como pra ela fica melhor, ele dizer como pra ele fica melhor, os dois descobrirem como que essa prática sexual é mais adequada. Porque cada um vem de universos diferentes e, por exemplo, há mulheres que pensam muito mal a respeito do sexo (Alves, 2013, 20min44s)

Isabel reitera a necessidade de criação e abertura para novas possibilidades de prazer no sexo, mas que ela precisaria ter limites. Para explicar melhor, ela cita o caso de um casal que atendeu em que o marido tinha ficado tetraplégico — era capaz de movimentar apenas uma das mãos — e a esposa não conseguia mais se aproximar do marido fisicamente. Para Isabel, essa esposa precisava entender que o prazer na vida sexual não viria apenas da penetração. Um dia, sua paciente tomou a mão do marido e a colocou em seu clitóris e essa “brincadeira” foi o ponto de partida para uma reconstrução da sexualidade desse casal.

Esse trecho é interessante porque Isabel está incentivando uma prática sexual que não envolve propriamente a penetração (que pode ser difícil para pessoas com deficiência física como o marido do relato), mas logo em seguida Passos afirma que essa constante necessidade de recriação no sexo faria com que alguns casais escolhessem as práticas que estariam fora desse “propósito divino” para a sexualidade, como o sexo oral (que não envolve penetração).

Darleide então intervém, citando uma conversa que teve com a terapeuta durante o intervalo do programa. Ela expressa a pergunta que é central nos episódios do “Sem Tabus”:

Por quê [...] essa pergunta se repete tanto [...] o que pode e o que não pode dentro de um casamento cristão. Mas você não faz ideia de como essa pergunta se repete, de como ela está presente. Em todos os programas que a gente faz, elas sempre chegam. Por que então [vamos de] um extremo pro outro? [O que] não está sendo ensinado no universo cristão? (Alves, 2013a, 23min33s)

Isabel, em sua resposta, afirma que o problema não é causado por uma falta de informação no universo cristão porque as igrejas católicas e evangélicas estariam exercendo seu papel corretamente, mas porque as pessoas tiveram sua concepção de sexo “contaminada” pelo mundo e que veriam o sexo como algo pecaminoso ao se afastarem desse paradigma secular de sexo. O sexo, além de um divertimento, também é “um altar de adoração a Deus” (Alves, 2013a, 25min35s) e por causa dessa contaminação, eles se afastam de Deus.

Essa fala traz algumas contradições em relação aos outros relatos de Isabel, porque ela fala que as igrejas estão educando as pessoas corretamente, mas também falou em outros momentos que as pessoas sairiam das igrejas com uma concepção do sexo como algo pecaminoso. Ao mesmo tempo em que notamos possíveis falhas nesses processos comunicativos que acabariam reforçando um paradigma do sexo como algo “impuro”, podemos enxergar aqui uma multiplicidade de estratégias adotadas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia para se comunicar com seus fiéis, em que ela se apropria de diversos canais, desde eventos como cultos e encontros de casais, até os programas televisivos e radiofônicos.

Darleide continua a se referir e criticar essa ideia de sexo “sem escrúpulos” que iria contra esse ideal de cumplicidade e afeto no matrimônio, a forma idealizada por Deus para esse sexo prazeroso, mas Isabel leva a discussão para outro nível: que muitas mulheres acreditam que devem ter relações sexuais com o marido apenas para satisfazê-lo, e não por desejarem satisfazer seu próprio prazer.

“Como assim ele precisa? Você não precisa?” Quando eu pergunto por quê que [sic] ele precisa [elas dizem] “ah, é porque ele é homem”... tá. Você [...] já ouviu falar de algum homem que morreu porque não fez sexo? Eu não conheço nenhum, nunca me chegou uma queixa no meu consultório minha filha perdi meu marido ele morreu morreu de inanição porque eu não fiz sexo com ele [...] já ouvi falar de histórias de gente que ficou doido [...] mas morrer não [...] mas muitas mulheres entendem que o homem ele faz sexo porque é uma questão física, é de instinto mesmo e que ele tem que colocar pra fora porque senão ele vai morrer [...] e quando a mulher vai para o ato sexual [...] com essa forma de conceber o sexo ela não vai com o corpo aberto para receber as boas vindas. (Alves, 2013a, 26min54s)

De acordo com Preciado (2018), essas esposas exercem o trabalho não remunerado de cuidadoras desses maridos, proporcionando conforto a eles, incluindo o sexual:

Neste contexto de produção e controle masturbatórios, parece obsoleto falar sobre a liberação sexual ou a guerra entre os sexos [...] o que está acontecendo é um confronto entre subjetividades pan-ejaculantes e uma multidão de subjetividades que desempenham a função de próteses masturbatórias (ânus e vaginas penetrados, bocas chupadoras, mãos masturbadoras, corpos dependentes de doses químicas) lutando para alcançar sua autodeterminação como corpos tecnovivos capazes de alegria e prazer. [...] Este novo proletariado farmacopornográfico não é simplesmente um sujeito econômico comprometido em produzir mais-valia sexual e toxicológica: é também uma nova forma de sujeito político. (Preciado, 2018, p. 319)

Em uma certa medida, Isabel advoga pela autodeterminação dessas mulheres quando fala que os homens não vão morrer porque vão deixar de fazer sexo. Se pensarmos nos termos de Preciado, ela contesta a fala de suas pacientes porque a atividade sexual não é um imperativo puramente biológico, mas sim parte dos processos de subjetivação desses homens (heterossexuais) em que eles são socializados a se utilizar dessas mulheres como “próteses masturbatórias”. No entanto, essa crítica tem um limite. Por exemplo, ambas Isabel e Darleide não vão contestar as origens desse paradigma, ou quando criticam a pornografia e criticam-na mais com base numa moralidade ou numa desvirtuação de um propósito sagrado do que de uma exploração econômica das sensações e subjetividades como Preciado.

Uma das interações do público neste programa é bastante significativa. Darleide agradece quem é da adventista e quem não é porque “A novo tempo não é para uma igreja [...] é a Igreja Adventista trabalhando para o universo cristão porque [...] os conceitos da palavra de Deus são universais” (Alves, 2013, 28min55s) e se refere a uma espectadora católica que acompanha o “Sem Tabus”. Embora esse trecho invoque uma unidade entre diferentes doutrinas e congregações cristãs, ele também retoma as ideias anteriores da criação divina e como ela seria refletida em nossa existência. Ou seja, os conceitos da palavra de Deus explicariam tudo porque são universais e absolutos.

Outro telespectador pede para Isabel falar sobre sexo oral, que nesse ponto da trajetória do programa já é um tema muito repetido, e a terapeuta continua a expressar sua desaprovação da prática. Darleide, então, interpreta uma paciente hipotética que admite praticar sexo oral com seu marido porque “se eu não fizer ele vai querer fazer com a outra e inclusive ele me ameaça” (Alves, 2013a, 38min59s), ao que Isabel responde:

Aí você tem que se posicionar, sabe por quê [...] Porque pra essa situação eu respondo com Isaías 54:05 [...] porque o vosso marido é o Senhor dos exércitos. [...] É ao Senhor que você deve a fidelidade [...] e quando o teu marido exige de você uma prática que violenta a sua relação com o teu marido do céu essa prática deve ser negada [...]

O fato dele ser seu marido não autoriza ele a te subjugar e a utilizar de você como se você fosse um objeto, uma propriedade dele que ele tem direito de fazer tudo aquilo que ele quer sem levar em conta aquilo que violenta a tua alma. (Alves, 2013a, 39min19s)

Essa é uma fala bastante problemática. Embora Isabel afirme que o homem não tem direito de usar sua mulher como um objeto — o que é o mínimo porém ainda necessário porque algumas mulheres nem terão direito a reivindicarem seus direitos como pessoa — ela faz com que a mulher tenha que recorrer a outra pessoa, Deus, para justificar sua recusa e depois a ela mesma, o que é bem machista. E este é um posicionamento quase oposto ao que Isabel diz quando fala sobre as mulheres que não tomam a iniciativa sexualmente — que elas precisam tomar a frente ou vão perder os maridos —, o que novamente mostra que há um peso desigual para as mulheres nessa concepção de vida sexual prazerosa.

A mensagem final de Darleide Alves é “busque na palavra de Deus conhecimento para todas as áreas da sua vida” (Alves, 2013, 50min30s), porque a Bíblia não explicaria apenas as práticas religiosas, mas todas as facetas da vida humana. Essa noção é especialmente presente neste episódio, em que o que seria certo e o que seria errado sempre seria mostrado por Deus.

É talvez o episódio mais ambivalente de todos, porque, ao mesmo tempo que ele centra o prazer feminino e busca naturalizar a relação entre as pessoas e seus corpos, também percebe-se um ideal conservador e de castidade proveniente de concepções mais tradicionais da sexualidade. O prazer sexual é uma criação divina, mas que deve ser sentido de formas específicas, e essa concepção acaba tendo um peso maior nos ombros das mulheres.

4.3 KILL THIS LOVE: SEXO ORAL E ANAL

Figura 6 — Frames do episódio “Sexo Oral e Anal”. À esquerda, Darleide Alves se dirige ao seu entrevistado com um GC que indica o tema do programa. À direita, Ivair Augusto com um GC que o identifica



Fonte: reprodução (Alves, 2013b)

Darleide Alves abre “Sexo Oral e Anal” falando que esse tema era um pedido recorrente dos telespectadores e que era “uma temática muito interessante, que levanta muitas, mas muitas especulações”. A apresentadora diz que só poderia fazer esse programa com o “convidado certo”, e esse convidado seria o pastor Ivair Augusto, que também participou de outro episódio anterior com a mesma temática. Como Ivair é formado em bioquímica e farmácia, Darleide afirma que a fala dele está também embasada pela ciência.

De acordo com o pastor Ivair Augusto, o sexo oral e o sexo anal seria a “cereja do bolo” da sexualidade dos casais, reservado para ocasiões especiais, e que, mesmo sendo prazeroso, não seria um “sexo saudável”. Neste caso, evitar o sexo oral e o sexo anal seria uma questão de “saúde”. Para embasar este posicionamento, Ivair recorre ao princípio da “contaminação”, um conceito recorrente no livro de Levíticos, no Antigo Testamento bíblico. Então, ele afirma que há micro-organismos invasores que podem contaminar a orofaringe ou a genitália de uma pessoa quando ela pratica o sexo oral ou o sexo anal e eles não poderiam ser evitados por casais saudáveis ou pela assepsia das partes íntimas.

Não entrarei nessa questão médica porque não faz parte do escopo deste trabalho e eu também não tenho o conhecimento necessário para julgá-la. Contudo, não será necessário questionar a validade das falas de Ivair porque ele mesmo admite, ao ser perguntado por um telespectador, que é possível evitar essa contaminação microbiológica com o uso de preservativos. Ou seja, o argumento da saúde seria válido até um certo ponto (no sexo oral e anal sem preservativo). É neste momento que o pastor Ivair traz sua segunda objeção ao sexo oral e ao sexo anal:

Mas a questão do sexo oral e do sexo anal [...] tem uma questão moral na bíblia [...] eles vieram de uma concepção [...] que a bíblia coloca como sodomita [...] o sexo sodomita é o sexo praticado entre homens e homens ou mulheres e mulheres. Aquele sexo que foi condenado dentro da história de Sodoma e Gomorra. (Alves, 2013b, 19min50s)

Sodoma e Gomorra são duas cidades mencionadas no livro de Gênesis e que teriam sido destruídas como forma de punição pela sua “depravação” e pecado. Assim como estas cidades foram punidas por Deus, o pastor Ivair então entra no conceito do “leito sem mácula” do livro de Hebreus no Novo Testamento e que, de acordo com este livro, Deus puniria os impuros e os adúlteros. Assim como o sexo durante a menstruação e a zoofilia seriam formas de sexo impura, de acordo com o pastor, o sexo oral e o sexo anal seriam formas de sexo

impuras por terem se originado entre pessoas homossexuais, e deveriam ser evitadas mesmo entre os casais heterossexuais porque:

os homossexuais idealizaram essa forma de sexo [...] então o indivíduo mesmo que ele esteja numa relação heterossexual se ele opta pela prática do sexo oral ou e anal ele está caindo dentro da prática sodomita, dentro dessa prática do leito maculado com impurezas, percebeu? (Alves, 2013b, 26min45s).

Ivair continua repetindo o mesmo discurso sobre saúde, “contaminação” e “impurezas”, então pode parecer que ele está falando sobre a questão a partir de um embasamento científico (a contaminação pelos microrganismos) e religioso, que as pessoas deveriam “priorizar a saúde, priorizar a moralidade” (Alves, 2013b, 31min03s). Porém, como o pastor admite, a questão da saúde no sexo oral e anal pode ser solucionada com o uso de preservativos. Portanto, essa contaminação vem de um preconceito religioso que afirma que as relações homossexuais seriam “impuras” e até mesmo uma associação “indireta” com esse tipo de relacionamento num relacionamento heterossexual traria condenação divina para o casal.

O que Ivair recomenda nesse sentido é priorizar o intercuro pênis-vagina para que o cérebro associe o prazer a esta modalidade de sexo. Ao mesmo tempo, ele indica “paliativos”, como a estimulação oral de zonas erógenas como seios, abdome e pernas, e a penetração vaginal por trás, numa posição semelhante às posições possíveis no sexo anal. Além disso, o pastor afirma que estamos num século que prioriza o conhecimento científico, o culto ao corpo e o culto à saúde e que as pessoas devem priorizar a saúde. O orgasmo teria vindo de Deus, não surgido com o pecado, e o sexo deve ser feito de uma forma saudável. Novamente, ele apela para o discurso científico e religioso, mas na verdade essa “saúde” e essa “moralidade” se refere a um preceito religioso que Ivair defende.

O uso da televisão por grupos evangélicos para difundir preconceitos com base na orientação sexual não é nenhuma novidade:

Observamos determinados conteúdos, como cultos que discriminam outras religiões, ou orientações não heterossexuais e exposição de pessoas sem seu conhecimento ou autorização. De acordo com a portaria nº 112 de 22 abril de 2013 há restrições sobre os veículos de comunicação que transmitem programas que exponham indivíduos ou grupos à discriminação, baseada em preconceitos de origem, como, raça, sexo, cor ou religião. No entanto apesar de existir tais regras, as mesmas não são cumpridas e suas sanções que estabelecem multas,

cassações, suspensão ou revogação da autorização no caso de reincidência, também não são estabelecidas (Polato, 2015, p. 44-45)

Anteriormente, citamos o trabalho de Castro Filho (2021) que destaca como o Sem Tabus escolhe profissionais da saúde alinhados com suas crenças para defendê-las a partir de um prisma científico. A situação é ainda mais complicada porque esse preconceito é transmitido no “Sem Tabus” através de um formato que ainda se liga ao jornalismo no Brasil (Silva, 2009). Logo, o embasamento deste programa deixaria de ser apenas religioso e se tornaria jornalístico, religioso e científico, pois Ivair Augusto estaria falando também como autoridade científica.

O pastor encerra sua participação repetindo o versículo de Hebreus que mencionou anteriormente: “digno de honra entre todos seja o seu casamento bem como o seu leito seja sem mácula porque Deus julgará os impuros e os adúlteros” (Alves, 2013b, 46min07s), ao que Darleide responde “palavra de Deus, sem discussão” (Alves, 2013b, 46min40s). Aqui, a referência religiosa trazida pelo pastor da condenação divina às pessoas homossexuais ou que se “alinhem” a elas é clara, e Darleide não questiona a validade desta afirmação porque, em última medida, este é um programa religioso. O “Sem Tabus”, em seu cerne, é um programa religioso que se apropria de outras áreas do conhecimento, como a ciência, e do formato televisivo do *talk show*.

No encerramento do programa, Darleide Alves enfatiza o papel da discussão e exploração para aprender a “seguir a vontade de Deus”, mas acaba discursando sobre a própria autonomia de seus espectadores de tomar decisões:

Nós não temos a pretensão de fechar o assunto, fechar a questão e dizer pra você que não há nenhuma palavra além desta porque, afinal de contas, você é inteligente, você é responsável pela sua experiência física mental e espiritual. Mas, acima de todas as coisas, saiba que há um interesse nosso de sermos felizes e ajudar a você e você ajudar a nós a seguirmos no caminho rumo à vontade de Deus na direção de Deus. Somos servos do Deus altíssimo, somos chamados a viver e experimentar a graça Dele em todos os aspectos, inclusive em questões sexuais (Alves, 2013b, 47min24s)

Essa fala é quase irônica visto que a apresentadora concordou veementemente no minuto anterior com o posicionamento tão categórico e até mesmo violento do pastor Ivair, e que o programa inteiro discorreu sobre razões para não praticar o sexo oral e o sexo anal. Mas ela não é por acaso, e se relaciona com outra fala da apresentadora no mesmo programa:

Se você concorda com tudo, a gente fica sem essa condição de interagir e levantar a questão de um outro prisma, de uma outra maneira, tá bom? O não concordar contigo [...] quer dizer há o interesse de ir mais além, de descobrir e de entender. (Alves, 2013, 15min0s)

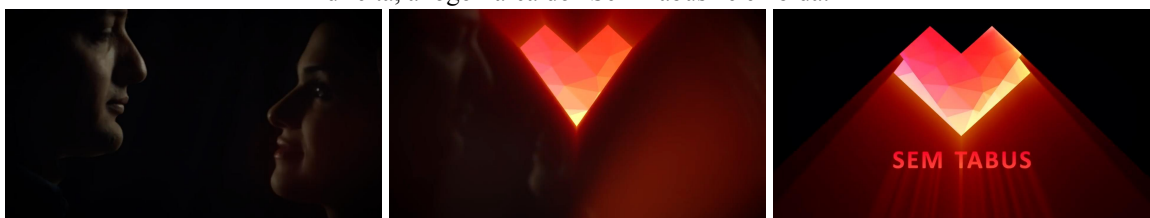
Darleide Alves afirma isso por dois motivos. O primeiro motivo, um pouco mais óbvio e de certo modo “diplomático”, é que ela quer mostrar que respeita a inteligência de seus espectadores para ver o programa e aplicar os conhecimentos obtidos através dele da maneira que seja mais adequada em suas vidas.

O segundo motivo se relaciona com o formato do programa: como um *talk show*, Darleide entende que a função do “Sem Tabus” é cultivar conversas e debates, não apresentar conclusões sobre um tema. Ele não se organiza da mesma forma que um culto sobre a sexualidade se organizaria, e, se o programa se colocasse como a palavra final da sexualidade, ele perderia seu propósito.

Mesmo que a “verdadeira intenção” do episódio “Sexo Oral e Anal” seja desencorajar estas tais práticas sexuais, Darleide, como apresentadora e diretora, não pode admiti-lo completamente porque ela precisa que essas discussões não sejam encerradas para que o programa continue a existir. Mesmo que, dentre todos os programas, este seja o programa em que há menos “liberdade”, o “Sem Tabus” não pode deixar de defendê-la, mesmo que não seja sua “verdadeira intenção”.

4.4 STFU!: COMUNICAÇÃO E INTIMIDADE

Figura 7 — Frames do episódio “Comunicação e intimidade”. À esquerda, um casal heterossexual se olha nos olhos. No meio, a imagem do casal se desvanece enquanto um coração se forma no espaço entre os dois. À direita, a logomarca do “Sem Tabus” é exibida.



Fonte: reprodução (Alves, 2019a)

A abertura de “Comunicação e Intimidade” é diferente dos demais episódios (ela é a última abertura utilizada pelo “Sem Tabus”) e retrata um casal heterossexual em momentos íntimos. A logomarca do programa é inserida ao final. Embora ela não mostre nudez ou algum

contato físico tipicamente sexual, as formas e as reações ao toque, a luz fraca, a trilha sonora e a fotografia das cenas sugerem a intimidade romântica e sexual.

Essa provavelmente foi uma escolha deliberada para trazer o tom de intimidade sem ferir os preceitos de castidade defendidos pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. O cenário do programa também mudou, ele é mais espaçoso e está decorado em tons de vermelho, bege e marrom, embora mantenha a disposição já familiar de duas cadeiras vermelhas posicionadas de frente uma para a outra.

Figura 7 — Frames do episódio “Comunicação e intimidade”. À esquerda, Darleide Alves e Isabel conversam. À direita, Darleide está em primeiro plano e um GC identificando o tema da edição é exibido.



Fonte: reprodução (Alves, 2019a)

Este é o único programa da amostra em que a questão do que deve ser permitido e do que não deve ser permitido no sexo não aparece, o que pode estar relacionado com a pouca participação do público neste episódio, como a própria temática. O episódio trata várias das questões da comunicação e dos preconceitos que foram abordadas previamente, como a dificuldade em saber falar sobre seus sentimentos e também sobre os preconceitos que atrapalham essa comunicação, o que influi diretamente no sexo. De acordo com a terapeuta Isabel Passos, estas dificuldades estão ligadas à cultura e também à educação recebida dentro da família:

você olha pra sua área genital movida pela cultura. Teu olhar [...] é cultural sobre isso. Não é exatamente biológico ou fisiológico [...] é tanto que [...] pra todas as partes do corpo você não coloca apelido, mas pra região genital tem sempre um apelido (Alves, 2019a, 3m33s)

A terapeuta ressalta que, embora algumas vezes se afirme o contrário, a sexualidade não é algo puramente instintivo e sim algo que as pessoas aprendem ao longo da vida. Neste argumento, podemos traçar paralelos com o que Goellner (2003) relata nos processos da produção cultural do corpo. Ambas preconizam que a forma através da qual categorizamos e atribuímos valores aos corpos vem da cultura, em vez de serem provenientes de uma realidade

biológica/inerente/imutável. No entanto, o mesmo é válido para a bíblia e suas interpretações, que variaram ao longo dos séculos, mas no “Sem Tabus” a bíblia é sempre tida como referência absoluta.

Como consequência dessa influência geracional, Isabel Passos relata suas experiências com o público mais velho e que elas refletem os preconceitos citados anteriormente. Nos casais que já totalizavam mais de vinte e cinco anos de casados, por exemplo, não se falava do conceito do orgasmo. Em outro casal, a terapeuta relata que estava atendendo uma idosa por indicação da família dela porque ela estava deprimida, em vez de outros casos em que Isabel atuava nos problemas conjugais. Esta idosa, assim como tantas outras mulheres, não tomava a iniciativa no aspecto sexual porque isso seria “coisa de homem”, o que Isabel relaciona a esses preconceitos aprendidos culturalmente e que devem ser desconstruídos.

Darleide Alves pergunta para Isabel se as gerações mais novas (a geração das duas incluída) saberiam lidar melhor com esses preconceitos e se eles estariam sendo passados para as gerações mais jovens. Este é um trecho até surpreendente, pois a terapeuta se refere a um próprio exemplo familiar para explicar como a situação atual estaria. Ela conta que estava na casa da filha e tinha levado uma mala com vários itens. Como precisava ir ao mercado, ela não queria deixar a filha sozinha para arrumar essa mala, ao que sua filha respondeu que arrumaria a mala com a ajuda do marido quando ele chegasse do trabalho. Isabel não aprova a ideia, porque o marido estaria cansado do trabalho, ao que sua filha a repreendeu por estar reproduzindo ideias machistas.

Normalmente, estas discussões não são fáceis e encontram atrito por parte das pessoas que estão professando ou reproduzindo estas opiniões preconceituosas, porque trazem à tona os preconceitos enraizados e estas pessoas muitas vezes não querem admitir esses danos causados por eles:

Alguém diz algo que você considera problemático. No começo, você tenta não dizer nada. Mas continuam a comentar. Quem sabe você responda, com cuidado, talvez. Você diz por que acha problemático o que foi dito. [...] Não importa como fale, quem fala como feminista geralmente é ouvida como sendo a causa da discussão. Ela é quem interrompe o fluxo amigável da comunicação. A coisa fica tensa. Ela faz as coisas ficarem tensas. Podemos começar a identificar o que é bloqueado com essa dinâmica. O problema não se limita ao conteúdo do que ela está dizendo. Ela faz mais do que simplesmente dizer a coisa errada: ela atrapalha algo, a conquista ou o triunfo da família, de um nós ou algo assim, que é criado pelo que não é dito. Há muitas coisas que você não deve dizer, fazer, ser, a fim de preservar esse nós. [...] É como se esses problemas não existissem até você apontá-los;

como se, simplesmente por apontá-los, você os criasse. (Ahmed, 2022, p. 66-69)

Podemos imaginar outras situações, em que os membros mais conservadores (e, por vezes, mais velhos e mais religiosos) de nossas famílias ou círculos sociais dizem algo problemático e, ao reclamar disso, essas pessoas se ressentem de quem reclamou e de terem sido colocadas nessa posição de preconceituosas. Exceto pelo fato de ser terapeuta, não se esperaria uma posição compreensiva de Isabel. No entanto, ela recebe positivamente a crítica da filha, que lhe trouxe uma nova perspectiva, e o desconforto causado por ela:

E você vê como você reproduz isso e você [...] não se dá conta. Eu fui ensinada assim. Eu sei que muita coisa [...] eu dei uma segurada, mas muitos detalhezinhos passou [sic] e a gente só se dá conta nessas horas, e eu me dei conta pelo olhar dela [...] Ela teve esclarecimento suficiente e liberdade suficiente para dizer “não, mainha” [...] Você aprendeu assim, eu não. Meu casamento tá sendo feito em outras bases e isso é muito legal. (Alves, 2019a, 13min03s)

Em vez de resistir à repreensão da filha e considerar que era ela quem estava causando um problema, a fala de Isabel Passos parabeniza a filha por expressar que aquele pensamento era machista e sugere que esse desconforto e esses conflitos entre as gerações podem ser produtivos, o que seria algo positivo.

No entanto, não podemos ignorar como os programas analisados até agora depositam um peso maior nas mulheres na construção desses relacionamentos amorosos e sexuais prazerosos e essas ideias minam as outras ideias sugeridas. Esse trecho é como uma exceção que confirma a regra. Isabel reconhece o machismo que existe e ainda estava presente em sua visão de mundo e que esforçar-se para não perpetuá-lo é uma missão válida. Mas contestar o machismo de forma mais contundente requeriria que ela questionasse seu próprio papel e o papel das igrejas na perpetuação deste preconceito. E nem ela nem Darleide vão fazê-los, porque elas não podem (e provavelmente não desejam) contestar a legitimidade da Igreja Adventista e dos paradigmas que ela propõe, senão obviamente o programa não iria ao ar.

A sensação que se tem é como se as duas estivessem próximas de uma importante descoberta, mas se desviam dela quando estão chegando muito perto, como no posicionamento a seguir de Isabel Passos sobre como a comunicação é importante para o casal:

Sexo é algo que se constrói em pé e se pratica deitado. [...] Você constrói em pé através da memória afetiva, então quando você vai

para a cama com alguém vai estar presente a memória afetiva de todos os significados daquele relacionamento e eles precisam estar descontaminados. Quando essa memória afetiva está contaminada, é óbvio que a vida sexual [...] vai ser prejudicada. [...] Eu não vou conseguir me concentrar [...] nas supostas palavras positivas que estão sendo ditas naquele momento. [...] Como que eu vou fazer uma entrega plena uma entrega completa com uma pessoa que eu não confio? [...] “Pra uma pessoa que tá sempre me agredindo então pra isso eu sirvo e pra outras coisas não aqui eu sou boa e fora daqui não?” [ela diz que isso acontece entre homens e mulheres mas principalmente entre as mulheres] “Por que na hora de penetrar a minha vagina eu sou bonita [...] gostosa, mas na hora de me dar apoio, de me incentivar, pra eu estudar, me dar apoio no meu trabalho [...] de participar da educação dos filhos [...] de se organizar financeiramente [...] disso eu não sou digna, eu só sou digna do sexo”. [...] “Na hora do sexo eu sou o maridão gostoso, mas quando eu estou cansado ou o salário atrasa [...] aí só tem reclamação”. (Alves, 2019b, 10min39s)

A fala da terapeuta reflete as desigualdades e injustiças que são também consequência dos papéis de gênero da sociedade, mas não vai mais adiante em sua crítica, como já era esperado a partir das falas anteriores. Ela pode ser útil para pessoas que vivem uma situação semelhante, porém não são encorajadas a reagirem, especialmente quando não possuem a linguagem para descrevê-la, perceberem que a injustiça que sentem é de fato justificada e ajudá-las a tomar atitudes que contribuam positivamente para sua vida.

No geral, “Comunicação e Intimidade” reitera os conselhos e ideias dos programas anteriores, como a comunicação aberta, além do bom humor, e deliberadamente acaba falando menos do sexo em si, e se dedica bastante ao contexto cultural que permeia o sexo e a sexualidade. Porém, é um pouco frustrante que essas análises não cheguem “no miudinho” das questões, parafraseando Isabel Passos em “Mitos do Sexo”.

4.5 WHAT WE DREW 우리가 그려왔던: UM ENTENDIMENTO SOBRE O SEM TABUS

A visão professada pelo “Sem Tabus” é de que o sexo teria sido um presente divino e é uma parte positiva da vida humana, logo praticá-lo conforme os preceitos divinos defendidos pelo programa não apenas levaria à satisfação sexual, mas também seria uma forma de adoração a Deus.

Para que as pessoas encontrem satisfação na própria vida sexual através da descoberta e exploração entre homem e mulher por matrimônio, baseada na comunicação aberta, na

cumplicidade e na afetividade. É esse vínculo amoroso, segundo o programa, que vai permitir que os casais consigam encontrar as formas mais prazerosas de viver sua intimidade, o que desencorajaria outros arranjos dessa sexualidade que não fossem o casamento monogâmico e heterossexual.

Já era esperado que o programa reforçasse o padrão cisheteronormativo pregado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, então não foi nenhuma surpresa os programas enfatizarem este objetivo sempre que possível. Além disso, ele busca atingir o público cristão em geral, não apenas os adventistas, por pregar uma universalidade das ideias defendidas. Os argumentos religiosos sempre prevalecem em relação aos demais, mas a estrutura através da qual esses argumentos se disseminam se difere dos cultos e ministrações tradicionais, utilizando recursos próprios dos conteúdos informativos e do entretenimento na televisão para conferir uma autoridade além da religiosa ao que é veiculado e também atrair seus espectadores a uma temática que seria “um tabu” sem assustá-los.

Embora o programa apoie um padrão de relacionamentos cisheteronormativo, em alguns momentos os programas analisados buscam dar mais agência às mulheres em suas vidas sexuais. Contudo, o “Sem Tabus” como um todo não possa ser considerado como feminista pelas falas que acabam colocando um peso desigual nos relacionamentos entre homens e mulheres. Além disso, essa relação desigual também é explicitada em outros episódios que não estão na amostra analisada. A Submissão da Mulher²², por exemplo, defende que a bíblia não prega que as mulheres seriam piores do que os homens ou poderiam ser violentadas, mas que a mulher deveria ter um papel auxiliar ao marido: e é essa mesma lógica que, em outros cenários, é utilizada para justificar abusos e violências contra as mulheres.

O “Sem Tabus” aborda as relações de poder e contesta algumas de suas consequências, como a situação das esposas que acabam se tornando objetos sexuais de seus maridos, contudo não pode romper com elas completamente porque é um dos instrumentos dessa sociedade disciplinadora. Ele propõe uma norma que não se baseia na repressão como convencionalmente entendemos, mas reflete os jogos de poder que ele diz desafiar:

o poder, em sociedades como as nossas, é mais tolerante do que repressivo e a crítica que se faz da repressão pode, muito bem, assumir ares de ruptura, mas faz parte de um processo muito mais antigo do que ela e, segundo o sentido em que se leia esse processo, aparecerá como um novo episódio na atenuação das interdições ou

²² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zPMXm38YY_o. Acesso em 08 set. 2023

como forma mais ardilosa ou mais discreta de poder. (Foucault, 1988, p. 16).

5. ENDING PAGE: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta análise, abordamos o programa de televisão “Sem Tabus” como parte de um esforço da Igreja Adventista do Sétimo Dia para reinventar as normas existentes em relação à sexualidade, de forma a enquadrá-la como algo sagrado, prazeroso e divertido em que a satisfação sexual deve ser buscada através da comunicação honesta e da exploração, mas ela deve ser mantida dentro de um matrimônio cisheteronormativo. O programa reconhece as relações de poder que envolvem a sexualidade e se posiciona contra desigualdades de gênero até certa medida, mas não pode adentrar essas questões com profundidade porque isso contrariaria os preceitos adventistas e a sua própria missão como a reinvenção de uma norma; em outros momentos ele também acaba reproduzindo condutas que são nocivas às mulheres, além de preconceitos contra a população LGBT.

Não desejo zombar de qualquer pessoa que tenha sido ajudada em alguma medida pelas edições do programa, ou até mesmo que entenda sua própria sexualidade como parte de sua espiritualidade. Acredito que algumas das ideias defendidas pelo programa são muito importantes, como a comunicação aberta, e podem contribuir para que as pessoas consigam lidar melhor com suas próprias sexualidades. Neste trabalho, busquei entender até que ponto um programa como o “Sem Tabus” pode contribuir para a vivência de uma sexualidade bem resolvida e até que ponto ele pode contribuir para a reafirmação de preconceitos e crenças que são danosas.

E, falando de crenças, precisamos nos lembrar que o “Sem Tabus” veicula as crenças defendidas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia: embora se proponha a falar para todas as pessoas cristãs que vejam o programa, o “Sem Tabus” não fala por todas as pessoas cristãs, nem mesmo por todas as pessoas evangélicas. As igrejas evangélicas não são um monolito e suas doutrinas possuem divergências, mesmo que possuam vários pontos em comum. Podemos encontrar e deduzir semelhanças e convergências, mas os resultados desta pesquisa não são um espelho perfeito da visão de todas as igrejas sobre a sexualidade.

Em relação ao método de análise, minha amostra é pequena se comparada às centenas de edições do “Sem Tabus” que foram exibidas. Logo, existem muitas outras questões que poderiam ser abordadas ou abordadas mais a fundo, como os fetiches, a masturbação (parte importante da exploração da sexualidade de muitas pessoas), a sexualidade adolescente, o próprio conceito de santidade no sexo, entre tantas outras temáticas debatidas no “Sem

Tabus”. Este trabalho pretende ser um ponto de partida para as discussões possíveis sobre o programa.

Além disso, eu analisei o “Sem Tabus” com base no ideal cisheteronormativo, a sequência sexo-gênero-sexualidade descrita por Louro. Contudo, acredito que uma análise do programa à luz dos conceitos da amatonormatividade e da alonormatividade (a crença de que o desejo por relacionamentos românticos e o desejo sexual, respectivamente, são realidades sentidas e desejadas de forma universal) também poderia ser bastante produtiva.

Por fim, espero que este trabalho contribua para uma discussão profunda da sexualidade no ambiente evangélico, reconhecendo o compartilhamento de experiências e conhecimentos que contribuem positivamente para a vida das pessoas e que também ocorre o oposto, mesmo que de uma forma mais sutil do que se é admitido.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Darleide. **Sexo Criativo**. 09 ago. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kw32R2pfAP4>. Acesso em 21 ago. 2023
- ALVES, Darleide. **Mitos do Sexo**. 27 fev. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bJoyfFkOy-E>. Acesso em 29 ago. 2023.
- ALVES, Darleide. **Sexo Oral e Anal**. 27 fev. 2013. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rfgfH_Zxmr0. Acesso em 29 ago. 2023.
- ALVES, Darleide. **Comunicação e Intimidade** - Parte 1. 4 abr. 2019a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZP86y8JDtok>. Acesso em 25 ago. 2023.
- ALVES, Darleide. **Comunicação e Intimidade** - Parte 2. 4 abr. 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m2oOg2JZVM4>. Acesso em 25 ago. 2023.
- ALVES, Darleide. **Comunicação e Intimidade** - Final. 4 abr. 2019c. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AhV3agKRDd0>. Acesso em 25 ago. 2023.
- CAMPOS, L. S. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva . **Revista USP**, [S. l.], n. 61, p. 146-163, 2004. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i61p146-163. Disponível em: <https://www.journals.usp.br/revusp/article/view/13327>. Acesso em: 8 set. 2023.
- CASTRO FILHO, Josué de. **Entre a cruz e o desejo: experiências de renúncia da atração pelo mesmo sexo na Igreja Adventista do Sétimo Dia**. 2021. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- CQC TOP FIVE 01 DEUS CRIOU O HOMEM. 23 mar. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Tz1WS9I1EtY>. Acesso em: 23 jul. 2023.
- DA CONCEIÇÃO VELOSO, Ana Maria; DE VASCONCELOS, Fabíola Mendonça; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Gênero, Mídia e Religião: Quando o proselitismo eletrônico ameaça os direitos humanos no Brasil. **Anais dos Simpósios da ABHR**, 2015.
- DAMIÃO, Paulo. Globo, Record e Band vendem alma à igreja evangélica e emissoras dependem da fé para sobreviver... 21 jan. 2023. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/globo-record-e-band-vendem-alma-a-igreja-evangelica-para-viver/>. Acesso em 11 set. 2023.
- DE SOUZA, Sandra Duarte. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo. **Estudos de religião**, v. 27, n. 1, p. 177-201, 2013.
- DINIZ, D.; CARINO, G. **A mentira da “preservação sexual” da ministra Damares**: há correlação entre defesa da abstinência e o aumento da gravidez na adolescência e da maternidade precoce, apontam estudos. El País Brasil, São Paulo, 6 jan. 2020. Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-01-06/a-mentira-da-preservacao-sexual-da-ministra-dameres.html?outputType=amp&_t=E2%80%A6. Acesso em: 22 jul. 2023.

FORE, William F. The Unknown History of Televangelism. 2006. Disponível em: <https://www.religion-online.org/article/the-unknown-history-of-televangelism/>. Acesso em 29 ago. 2023

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4: as confissões da carne**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**, v. 9, p. 30-42, 2003.

LOBATO, Elvira. **Lei da selva na disputa entre igrejas**. 1 fev. 2016. Disponível em: <https://apublica.org/tvsdaamazonia/lei-da-selva-na-disputa-entre-igrejas/>. Acesso em 4 set. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Maria das Dores Campos. (1995), “Corpo e moralidade sexual em grupos religiosos”. **Revista de Estudos Feministas**, vol. 3, nº 1: 7-27.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. **Revista USP**, [S. l.], n. 120, p. 61-76, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i120p61-76. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155531>. Acesso em: 19 set. 2022.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. Editora Senac São Paulo, 2000.

ORAR antes do sexo e depois tbm? 20 mai. 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/shorts/uYZM_neNCM4. Acesso em 20 jul. 2023.

OTTO, Lukas; GLOGGER, Isabella; BOUKES, Mark. The softening of journalistic political communication: A comprehensive framework model of sensationalism, soft news, infotainment, and tabloidization. **Communication Theory**, v. 27, n. 2, p. 136-155, 2017.

POLATO, Fábio Sebastião. **O uso do rádio e da TV por instituições religiosas: Um fenômeno crescente nos mais variados canais de comunicação**. 2015.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: N-1, 2018.

REDE NOVO TEMPO DE COMUNICAÇÃO. **É errado a mulher cristã se depilar?** 12 de junho de 2011. Disponível em: <https://biblia.com.br/perguntas-biblicas/gostaria-de-perguntar-sobre-a-depilacao-e-errado-a-mulher-crista-se-depilar-cd/> Acesso em 16 ago. 2023.

ROSAS, Nina et al. Sexo degradante e destruidor: uma análise sobre as interdições sexuais presentes nos livros evangélicos. **Religião & Sociedade**, v. 41, p. 243-273, 2021.

SILVA, F. M. **Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento.** E-Compós, [S. l.], v. 12, n. 1, 2009. DOI: 10.30962/ec.289. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/289>. Acesso em: 1 ago. 2022.